Marcela Cristina Carvalho dos Anjos Lacerda

Uma relação entre imagens e palavras na criação de um livro, olhando para o próprio processo criativo

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação O livro para as infâncias: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação. apresentado à Faculdade FACONNECT – polo A Casa Tombada

Orientadora: Cristiane Rogério

São Paulo

2026

Uma relação entre imagens e palavras na criação de um livro, olhando para o próprio processo criativo

Marcela Cristina Carvalho dos Anjos Lacerda

Resumo: Este trabalho é uma investigação sobre o ato criativo, mais especificamente, sobre a relação entre palavra e imagem, texto e ilustração, na criação de um livro para as infâncias; através do meu próprio processo criativo que sai do âmbito “natural” e pessoal para o de pesquisa. O que antes, para mim, ocorria de forma intuitiva e comum passou a ser visto como objeto de pesquisa: o ato de criar. Seguimos, assim, com uma descrição minuciosa dos diversos estágios percorridos para criar o meu livro. Para tanto, passaremos, antes, por meu processo de autorreconhecimento como artista, por algumas leituras que direcionaram e redirecionaram meu processo criativo de forma direta e indireta e por fim, por uma conversa sobre o papel da Arte e do artista na minha vida que se estende ao papel da Arte e do artista no mundo.

Palavras chave: palavras, imagens, livro ilustrado, processo criativo. livro. arte. poesia.

Sumário

- **Introdução** Como nascem os livros?
- **Cap 1** - Quem sou eu, afinal?
  Artista, professora,escritora, ilustradora, poeta
- **Cap 2** - Imagem e Palavra. Palavra e Imagem
- **Cap 3** - Do processo criativo ao livro
- **Considerações finais**
- **Referências Bibliográficas**
- **Apêndice**

Introdução

Como nascem os livros? De onde ou de quem eles 'nascem'? Essa foi a primeira pergunta que me moveu a escrever esta pesquisa e para respondê-la recorri a diversos autores e artistas, além do meu próprio processo de criação de um livro para as infâncias. Depois vieram outras perguntas e delas falaremos mais à frente.

Estudar como nasce um livro me fez mergulhar na vida de muitos artistas e na minha própria trajetória como alguém desejante de criar livros.

No entanto, esta não é uma pergunta que surgiu somente agora para este trabalho, esta é uma pergunta muito comum nas mentes curiosas das crianças, naturalmente curiosas, e comigo não foi diferente. Precisei voltar muitas vezes ao meu passado, em especial em minha própria infância para entender este caminho do ato criativo. E, de fato, precisarei aqui, também, levá-los comigo em algumas destas memórias; visto que, como Elvira Souza diz em Memória e Imaginação (2007):

> A relação entre imaginação e memória tem sentido duplo: a base para o funcionamento da imaginação são os elementos que estão contidos na memória e o próprio funcionamento da imaginação desenvolve a memória. Através do processo imaginativo, vários elementos da memória são evocados e novas mediações semióticas são realizadas.

Lembro-me desde muito pequena querer saber de onde vem as coisas, como "nascem" as coisas, como se fazem as coisas, especialmente os desenhos animados e os livros, sendo estas as coisas que, não por acaso, mais me atraem nesse mundo; até hoje.

Não me recordo exatamente de quando obtive essa resposta mas me lembro vividamente da sensação de compreender, ainda criança, que era *gente* que fazia livros e desenhos. Minha mente "explodiu" como se diz popularmente ao se tratar de uma revelação sobre algo. Eu que amava ler, escrever e desenhar assim pensei: quero ser esse tipo de gente, quero escrever e desenhar coisas e quem sabe também um dia "fazer nascer" um livro ou um filme.

“No meio do caminho tinha uma pedra”[1]. Precisei descobrir que gente era essa e como me tornar uma.

Surge daí uma nova pergunta, que só seria respondida, ao menos em parte, na vida adulta, especificamente agora, enquanto escrevo esta pesquisa. *Quem é você, afinal ?*

É sobre este percurso, sobre essa jornada, que discorro nas páginas a seguir, no intuito de através dela demonstrar, o quanto possível, como a pesquisa sobre a criação de um livro guiou- me no processo de me reconhecer como artista.

Apresento, também, como a relação entre imagens e palavras, que enriquecem o livro para as infâncias, evidencia seu caráter como uma potente ferramenta de criação e comunicação que extrapola as infâncias e o livro ilustrado; e que ao passar pelas etapas do processo criativo muito se tem a dizer para além do livro.

Ao longo do texto, por isso, algumas dicotomias importantes como razão e emoção, infância e vida adulta, profissional e pessoal, verdade e mentira, ficção e realidade, arte e vida, vão sendo esmiuçadas também através dos estudos sobre o ato de criar.

Em alguma medida, relaciono ainda o lugar que a Arte ocupa em minha vida e como esse lugar é visto em nossa sociedade, ora me aproximando, ora me afastando deste mesmo ato (de criar).

E por fim, este estudo pretende explorar o livro, esta forma de expressão humana, a fim de externar seu grande potencial a ser estudado e celebrado.

O livro para as infâncias como forma de poesia, como Arte.

Capítulo 1

Quem sou eu ??? Artista, professora, artesã, poeta …

Para criar meu livro precisei antes reconhecer-me como artista e este não foi um caminho muito fácil, muito menos rápido. Antes de entender quem eu sou

[1] Verso inicial da poesia “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade.

a ponto de me autorizar a criar qualquer coisa, fosse um livro ou outro tipo de arte, fui atingida pelo mundo externo muitas vezes com a pergunta “Quem é você?”

Certamente, que esta pergunta nem sempre é feita da forma mais direta: “Quem é você, afinal?”, apesar de às vezes ocorrer exatamente assim. Acontece que somos o tempo todo influenciados a estabelecer e justificar nossa existência para sociedade através de muitas perspectivas; seja dizendo onde nascemos, que língua falamos, ou quais, a idade que temos no momento, onde vivemos, o que fazemos para viver e todo tipo de informações sobre si. Também é comum que nós mesmos apresentemos certa necessidade de nos posicionar no mundo, explicando internamente quem somos e como nos definimos. Obviamente, viver nos encaminha para estes questionamentos e viver em sociedade e se relacionar nos exige exposição de si mesmo, é claro. O problema não é necessariamente precisar se definir e se expor ou expor quem se é, a questão problemática é, na verdade, a forma doutrinária com que somos normalmente impelidos a nos expor para caber dentro dos moldes aceitáveis da sociedade em que vivemos. Isto porque, enquanto construção social somos fundamentalmente racionalistas[2], e dá-se em nosso meio mais atenção a tudo aquilo que vem da Razão, parecendo haver uma necessidade comum em definir todas as coisas somente através dela.

No meu caso esse questionamento quase sempre foi uma grande inquietação apresentada e imposta pelos outros; pelo mundo fora de mim.

Todavia, nunca soube bem como responder quem sou objetivamente, como esperavam, e também nunca consegui fugir totalmente desta pergunta, apesar de assim desejar muitas vezes.

Tive de encará-la, através dos outros; repetidas vezes e logo cedo percebi que para os adultos, categoria de gente a qual biologicamente pertenço agora, ‘a coisa’ é bem complexa.

Veja que, ainda durante a infância é comum sermos questionados com a violenta pergunta “O que você quer ser quando crescer?". E quando crescemos

[2] Corrente filosófica que defende a razão como principal e mais confiável fonte de conhecimento em contraste com a experiência sensível.

a pergunta persiste e logo precisamos responder “O que você é, quem é você, afinal?!

Em relação a mim, especificamente, a pergunta muitas vezes me aparece como : “Então, você é escritora ?!” ou “ …Então, você é ilustradora” ou ainda “Você é professora?” E o que se espera como resposta é um forte e assertivo “Sim, sou escritora” e ponto final. Ou “Sim, sou ilustradora” ou ainda “ Sim, sou professora” e nada mais; como se só se pudesse ser uma única coisa.

Para estes adultos, ou nós, como preferir; o mundo faz sentido e se constitui majoritariamente através de conceitos, definições, dualidades e tudo aquilo que puder reduzir algo a uma explicação lógica. Adultos, melhor dizendo, essa categoria de adultos a qual normalmente entendemos como “ser adulto” tendem a limitar as coisas através das palavras, entendendo que “...àquilo que a linguagem não nomeia torna-se difícil de atribuir existência.”., como nos diz Yolanda Reyes em Ler e brincar, tecer e cantar- Literatura, escrita e educação (2012)

Por isso muitas vezes somos movidos a responder perguntas como “O que você faz da vida? Quem é você?” com a tarefa que desempenhamos como trabalho, ofício, profissão; entendendo que esta resposta nos definiria completamente, como se uma profissão fosse capaz de abarcar toda a complexidade do ser. Será que somente o fato de trabalhar, exercer um ofício é o que nos autoriza a ser um adulto? E só quando adultos seremos algo? E quando adultos só podemos ter uma profissão, um caminho, uma escolha??? Responder a essas perguntas com a profissão é, de fato, a única resposta para elas??? As perguntas se multiplicam e me habitam.

Há alguns dias, passando ou “gastando tempo” nas redes sociais fui acidental e felizmente exposta a um vídeo, um recorte rápido de um programa televisivo antigo, onde o apresentador pergunta exatamente a frase “o que você quer ser quando crescer?” ao artista norte-americano, ainda criança na época, Michael Jackson. Sua resposta é primorosa, ele apenas diz: ‘gentil’. Há tanta poesia nessa resposta. Não seria ótimo, se, ao crescer; todo adulto fosse gentil?! Penso que em um mundo, como o nosso, constantemente, atolado em guerras, violência e conflitos, precisamos certamente desses gentis adultos. Mas a

princípio, infelizmente, muitos podem olhar para esta resposta apenas como uma “bobagem infantil”, sem sentido.

Ailton Krenak, líder indígena, escritor, filósofo e ambientalista brasileiro, nos aponta que “...perguntar para uma criança o que ela quer ser quando crescer é uma ofensa. Como se ela fosse receber um crachá de ‘ser’ só quando adulto. Isso é apagar o que ela já é” [3]

Nesse mesmo caminho, o também indígena, escritor, ator, político e professor Daniel Munduruku publicou em sua rede social @DMunduruku, na plataforma X, o seguinte :

> “O que você vai ser quando crescer? Eis uma pergunta que não se faz a uma criança indígena. Sabemos que ela nada será por já ser tudo o que precisa ser: criança. Ser um Ser do presente é a garantia de dias melhores. O resto é apenas especulação.”[4]

E acrescenta em outro relato que, ao ser questionado por essa mesma pergunta uma criança indígena munduruku respondeu, simplesmente, que ao crescer queria ser avô.[5] Outra resposta tipicamente criativa como só a infância é capaz de proporcionar. A insistência dos povos ocidentais em fazer esta pergunta não impede que, mesmo diante da estranheza, crianças a respondam com firmeza de ideia e sentido suas respostas nada convencionais.

Ouso acrescentar que esta pergunta, “O que você quer ser quando crescer ?”, continua cruel na vida adulta, quando se transforma na pergunta “Quem é você, afinal?” Uma clausura da qual nunca soube fazer parte, nunca soube bem do que gostava mais, escrever ou desenhar, estudar ou brincar, disto ou daquilo; e carreguei o peso de possuir muitas incertezas já que não sabia como escolher apenas uma dessas coisas para me fundar como uma adulta ou como alguém. Afinal aprendemos que crescer e ser alguém na vida significa fazer escolhas. E talvez, muitas vezes, até seja, porém nem sempre desta forma endurecida.

---

[3] In: https://lunetas.com.br/perguntar-para-uma-crianca-o-que-ela-quer-ser-e-uma-ofensa-isso-e-apagar-o-que-ela-ja-e/

[4] In: https://x.com/DMunduruku/status/1441591913627455488

[5] In:https://institutopensi.org.br/e-a-crianca-que-disse-que-quando-crescesse-queria-ser-avo

A lógica racional nos diz que há uma resposta única e correta para todas as coisas que importam, por isso eu deveria, nesta lógica, saber definir quem sou com apenas uma única resposta. No entanto, nunca me pareceu que isso fosse possível ou correto. Talvez, num primeiro momento, a sabedoria dos povos originários nos pareça estranha, pois não estamos de verdade familiarizados, lamentavelmente, com a validação da infância muito menos com a múltipla capacidade humana de existir no mundo. Todavia, a lógica a qual Krenak e Munduruku nos falam, apresenta, para mim, muito mais sentido pois amplia o caminho das respostas.

Eu que nunca soube caber nesse lugar "encaixotado" respondi quase sempre as perguntas "O que você quer ser?", quando criança e " Quem é você?", já adulta, da mesma forma. Ainda que, muitas vezes, sem ter de fato, dimensão do que dizia; eu costumava responder um simples e não muito confiante : "*Artista" (Eu quero ser artista/ Eu sou artista)*. Acreditando que nesta pequena resposta eu conseguiria externar objetivamente uma definição sobre quem sou. E a princípio, esta resposta até cumpre a função, eu sempre quis ser artista e de fato sou, mas "eu sou artista" não é, de forma alguma, uma resposta simples e única como podem supor alguns.

Veja que curioso, os adultos a que já me referi anteriormente, aqueles da categoria definidores e limitadores de ideias, aqueles que se sustentam na razão parecem, ironicamente, "presos" no poema de Cecília Meireles, *Ou isto ou aquilo*. O espaço para ser múltiplo, aparentemente, se faz inexistente. "Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva"[6] Ou bem se é matemático, ou bem se é ator, ou bem se é físico, ou bem se é pintor. Pensam as mentes mais lógicas. Nunca conheceram Leonardo da Vinci ??? Eu me questiono. Conhecemos sim, mas este é exceção, justificam.

Não me parece o caso, um único ofício não é a regra, muitos dos autores e artistas que aqui faço uso de suas obras, por exemplo, adjetivei-os com algumas de suas ocupações que com certeza não os define por completo visto que não é só o ofício que desempenhamos que nos define.

[6] Estrofe inicial do poema Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles.

Não somos, na verdade, individualmente uma reunião de características e acontecimentos que nos constituem?

Logo somos múltiplos. E à depender do dia, da hora, da idade, do ambiente: somos altos, baixos, alegres, tristes, filhos, amigos, irmãos, vizinhos, desconhecidos, somos uma infinidade de coisas ao mesmo tempo e o tempo todo. E não necessariamente sempre os mesmos. Somos plurais.

Foi a Arte que me libertou dessas amarras e me fez entender que há diversas maneiras de se compreender o mundo e de se fazer humano, mas eu precisei de alguns anos me considerando uma artista amadora ou apenas uma amante da arte, antes de me considerar, de fato, artista.

Conhecer outras culturas, e por isso cito os povos originários, também nos ajudam a relativizar este lugar das certezas do mundo.

Julia Cameron, artista, romancista, dramaturga, compositora, escritora, poeta, norte-americana, conceitua em seu livro **O caminho do artista (2017)** justamente o fato de muitos artistas em potencial comumente serem desencorajados a seguir uma vida artística, no entanto esse "chamado" dificilmente se apaga da mente humana transformando essas pessoas em "artistas-sombra. Ignorantes quanto à sua verdadeira identidade, acabam vivendo à sombra de artistas assumidos. Incapazes de reconhecer que elas mesmas possuem a criatividade que tanto admiram nos outros" (Cameron, 2017,p. 55). E ainda acrescenta, com diversos exemplos no livro, o quanto também é comum que estas mesmas pessoas que não realizam o desejo de ser artista, acabem se relacionando afetivamente com artistas efetivos ou trabalhem em carreiras próximas a carreira artística que desejavam, mas que apresentem melhor aceitação social ou estabilidade financeira como: professor de arte, crítico de arte, editor, produtor entre outros.

Não por acaso, uma das carreiras profissionais que exerço é professora de Artes e confesso que esta não era minha primeira opção. Entrei na faculdade de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) através da única prova de vestibular que me inscrevi, ao final do ano em que me formei no ensino médio, 2007. Naquela época eu só sabia que queria ser artista e que

desenhar era meu caminho, não fazia ideia das carreiras possíveis em Artes. Pensei na carreira de estilista mas não podia pagar uma faculdade particular, única opção existente, em minha cidade, para esta carreira na época. E a opção mudar de cidade para cursar Moda em outro lugar nem sequer passou na minha cabeça naquele momento. O sonho de ser artista foi redirecionado para Artes na UERJ e a opção licenciatura foi escolhida como uma porta de segurança para meu sustento.

Todavia, eu relutava muitíssimo com a ideia de exercer a profissão professora devido ao preconceito e desvalorização que esta carreira possui em nossa sociedade, onde muitos consideram professores como coitados que ganham pouco dinheiro, são infelizes, cansados e só estão ali porque não conseguiram algo melhor. E se este caminho for para trabalhar com a infância, como no meu caso, a desvalorização é ainda mais evidente. Parece que só professores universitários conseguem ultrapassar esta barreira e recebem alguma valorização social. Veja que curioso novamente, para nossa sociedade, adultos que ensinam adultos possuem mais "valor" do que adultos que ensinam crianças.

Dentre os preconceitos referentes à profissão de professor eu ainda enfrentaria mais este: lecionar uma disciplina subjugada, Artes; em relação às "mais importantes" disciplinas Português, mas não Literatura, e Matemática. Tradicionalmente, investe-se muito tempo nas escolas ensinando e cobrando sobre regras ortográficas, normas, números, listas, contas e menos, bem menos, sobre emoções, invenções, subjetividades e criatividade. É preciso notar que, infelizmente, os adultos "aprisionados" em "Ou isto ou aquilo" que acreditam em respostas únicas, limitantes, diretas e objetivas para tudo são os mesmos que regem a maioria dos sistemas educacionais a que temos acesso nas escolas pelo país, portanto, dependendo da disciplina a ser lecionada você também se depara com graus maiores ou menores de valorização ou desvalorização. Como podemos ler no trecho a seguir:

> "Numa organização marcada pelo utilitarismo, apregoa-se que cada criança deve aprender a não perder seu tempo, nem tomar o de seus professores. Infelizmente, a poesia e a arte em geral participam dessa área denominada "não lucrativa" em que se inserem as atividades

> prazerosas e lúdicas, e por isso, excluídas do programa de vida de uma sociedade voltada para o lucro". (Sorrenti, 2009, p. 17)

E também aqui:

> "De onde surgiu esse desprezo que a educação nutre pelo subjetivo, o inefável, pelo que não pode ser definido nas linhas de um dicionário? … O que não é visível, mensurável e observável não dá pontos. O que sai da resposta esperada não vale. O que se passa fora da classe não conta. Os processos que se concluem depois de finalizado o ano letivo ou as revelações que vão surgindo paulatinamente a um ser humano, ao longo de uma vida, graças, talvez, à influência de um bom professor ou ao encontro com um livro definitivo não se qualificam". (Reyes, 2012, p 22)

Na infeliz lógica racional que nossa sociedade capitalista insiste em alimentar, a Arte acaba sempre em segundo plano, ou pior, em muitos casos nem há planos a se ter com a Arte, tratando-a como algo extremamente irrelevante e dispensável. Por sorte, [será?!] não é o meu caso, a arte sempre fez parte dos meus planos, mesmo quando eu nem sabia que deveria ter um.

Recentemente, tive o prazer de ler o livro **Vamos comprar um poeta** do autor português Afonso Cruz, que além de escritor é também ilustrador, músico e cineasta como se pode bem ler na "orelha" esquerda deste mesmo livro.

A história retrata exatamente essa questão da Arte e do artista, da emoção, em uma sociedade que valoriza e se constitui no justo oposto. A sociedade do livro é inventada, mas claramente, uma metáfora de nosso próprio mundo utilitarista, consumista e voltado para os números; o valor de tudo e de todos se dá por meio do que se pode consumir e lucrar. Os personagens, por exemplo, ao invés de nomes são identificados por números. E quem de nós, em algum momento, já não se reconheceu neste lugar de ser apenas um número?

A sociedade que nos coloca em posição de ser número não sabe o que fazer com tudo aquilo que foge da lógica matemática, da exatidão, da certeza, da razão, da verdade única e irrefutável. Aqueles que não se identificam nessa lógica, ficam sem lugar. No livro, e em nossa sociedade não se sabe bem o que fazer com a Arte e com o artista, com a emoção ou com quem não é adulto, diga-se de passagem. Vivemos a tentar definir para que serve a Arte, na tentativa de arrumar um lugar à mesa para o artista, e assim justificar sua existência no

mundo, e esperamos aquela mesma resposta objetiva que se espera da pergunta “quem é você, afinal?”.

Como esta lógica não se aplica ao artista, no próprio livro temos a resposta neste diálogo:

> “A E60 apontou para a frase escrita na parede. Sujou a parede. Pensava que só os pintores eram assim. Assim, como?, perguntou a 76C. Como os artistas, que sujam muito. Para que é que servem? Os artistas? Sim. Para nada. São inutilistas. O que é que este poeta faz? Poemas, respondi eu. Para que servem? Para muitas coisas, há poemas que servem para ver o mar.” (Cruz, 2020. p.44-45)

Esta última frase da citação acima, “há poemas que servem para ver o mar”, faz referência a outro trecho, anterior, da história em que o poeta havia escrito uma frase na parede e ao ser questionado sobre o que era aquilo, o poeta da narrativa não responde diretamente que a frase escrita por ele na parede é uma frase ou uma poesia; muito menos uma sujeira na parede, a personagem responde com a seguinte sentença:“ Uma janela. Parece uma frase, talvez um verso. É uma janela. Tem vista para o mar.” (Cruz, 2020, p. 40) E a frase escrita na parede é: “Como é que o mar, tão grande, cabe numa janela tão pequena?”(Cruz, 2020, p. 40)

Agora, adiantando um pouco o assunto a ser tratado no capítulo a seguir, imagens e palavras, vejamos quantas camadas esse curto trecho do livro pode nos fazer, aqui, pensar sobre Arte, o ato criativo, imagens e palavras.

Com este trecho o autor nos mostra uma “utilidade” da Arte : dar a ver, imaginar, criar. A frase escrita na parede cria metaforicamente uma janela e aquilo que se lê evoca o mar. Através da leitura do poema quem lê é capaz de imaginar o mar e vê-lo. O poeta “cria” o mar. O mar é “visto”, e só pode ser visto naquela janela, quando se lê a poesia. A relação potente entre palavra e imagem está posta.

Ponderemos, também, que comumente se atribui tanto à imagem quanto à palavra, desta mesma forma, esta exata função: dar a ver. Imagens e palavras nos fazem ver, nos ajudam, ou melhor, nos permitem imaginar e criar. Muitas vezes numa simbiose profunda difícil de separar uma da outra. “As palavras só têm sentido se nos ajudar a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.” (Alvez, 2023, p. 42)

Algo quando é dito/lido, a palavra, nos faz criar uma imagem mental sobre o assunto que se fala/escreve. Uma imagem real traz para o mundo visível e físico uma imagem que antes só existia na mente do autor e que ao ser criada fisicamente se faz visível a todos, podendo ambas gerar ainda novas coisas, inclusive novas palavras e imagens. É por isso que a arte, as imagens e as palavras são tão importantes, elas nos fortalecem como indivíduos e como grupo quando permitem que nos comuniquemos e nos impulsionam a desenvolver nossa capacidade criativa. E é por conta dessa capacidade que fomos capazes de evoluir enquanto espécie e nos organizar socialmente de tantas formas variadas. É também nesse sentido que a autora Elvira Souza Lima nos diz, em sua pesquisa sobre imaginação e memória, o seguinte:

> "Se considerarmos a evolução da história de nossa espécie, veremos que ela é pautada pela invenção, ou seja, pela criação de objetos, de sistemas, de linguagens, tecnologia, teorias, ciências e artes. Toda produção cultural é resultante de um processo cumulativo de invenções, pequenas e grandes, que dão base para as invenções futuras. A imaginação enquanto faculdade produtiva e capacidade de inventar, revela-se, então, como um dos eixos da vida cotidiana…Sem a imaginação nossa espécie não teria desenvolvido a cultura, a ciência e a tecnologia, muito menos teria desenvolvido as diversas formas artísticas…" (Lima, 2007, p 19-20)

Logo, desta maneira, a imaginação e a emoção que pareciam ter sido "descoladas" da racionalidade e subjugadas, por conseguinte, ganham novo olhar. E, de fato, quanto mais se estuda arte e ciência mais se consegue compreender o quanto essa distância não existe e nem mesmo se justifica.O ato criativo necessita tanto da razão quanto da emoção para existir, e essa existência se faz justamente através da organização do pensamento inventivo,seja ele para solucionar um problema ou para fazer arte, ou os dois.

Este mesmo trecho, da janela para o mar, também pode ser ele mesmo uma metáfora para Arte como essa ferramenta que o homem inventou para tentar abarcar sua própria complexidade. O homem é o mar (tão grande) e a Arte a janela (tão pequena). Não sabemos bem como funciona,e não é preciso que se saiba, de fato, para que assim aconteça; a Arte consegue de muitas

formas conter a grandiosidade,e muitas outras vezes a pequenez humana, tanto no sentido de possuir como no sentido de controlar.

Mas a personagem principal do livro várias vezes é obrigada a justificar aos outros porque quis tanto ter um poeta e para que ele serve e é confrontada diversas vezes com a falta de utilidade do poeta e chamada, muito a contragosto, de “inutilista” por mesmo sem conseguir expressar concretamente o porquê precisa tanto de um poeta, não consegue se desfazer dele, ao contrário, quanto mais se tem com o poeta mais se desprende dos números e se conecta com o que é impossível de se contabilizar. A arte é inútil e quem dela precisa é “inutilista”. A Arte não tem serventia pensada pela lógica mercadológica, por isso ela é “pequena” como a janela, mas a imaginação, a capacidade humana de criar “alarga” a janela ao infinito e lá há de caber toda e qualquer imensidão,seja do mar, do homem, da arte ou de qualquer invenção.

Em nossa realidade acontece igual, mesmo com o mundo em efervescente consumo, a Arte ainda existe e insiste. E por que? Para que?

Em verdade, não há como responder a essas perguntas de forma taxativa e exata. E para quem já teve a sorte, o interesse, o prazer e o privilégio de estudar arte sabe que os questionamentos sobre sua função e valor se pretende superado desde a Idade Moderna quando os próprios artistas começaram a questionar esta necessidade de justificar sua existência fora da lógica interna de sua própria arte. Assim, os modernistas nos permitiram, influenciaram e autorizaram a trilhar tantos caminhos a imaginação torne possível.

Trago, portanto, 2 exemplos retirados do livro Escrito de artistas que nos elucidam, a partir das palavras dos próprios artistas, parte desta pesquisa modernista que reivindica a ideia de autonomia da Arte e de sua razão em si mesma.

Primeiro, o trecho inicial do texto Arte- como- arte, de 1962, do artista norte americano, Ad Reinhardt:

> A única coisa a dizer sobre arte é que ela é uma coisa. A arte é arte-como-arte e todo o resto é todo o resto. Arte-como-arte nada é além de arte. A arte não é o que não é arte… o tema único de cem anos de arte moderna é essa consciência que a arte tem de si mesma, da arte preocupada com os seus próprios processos e meios, com sua própria

> identidade e distinção, a arte voltada para sua própria e única afirmação, … A arte não precisa de nenhuma justificativa como "realismo" ou "naturalismo", "regionalismo" ou "nacionalismo"... ou com quaisquer outras ideias. (Ferreira, et al, 2006, p.72)

E segundo, algumas ideias definidas, em 1969, pelo também artista, norte americano, Sol Lewitt, em seu texto Sentenças sobre Arte Conceitual :

> 1. Artistas conceituais são mais propriamente místicos do que racionalistas. Eles chegam a conclusões que a lógica não pode alcançar.
> 2. Julgamentos racionais repetem julgamentos racionais.
> 3. Julgamentos ilógicos levam para uma nova experiência. (*Ibid;* 2006, p.205)

E ainda:

> 16. Se palavras forem usadas, e elas procederem de ideias sobre a arte, então elas são arte e não literatura; números não são matemática. (*Ibid*;p.206)

Evidentemente, como estamos fazendo aqui, ainda "precisamos" responder para que serve a Arte porque a lógica vigente volta e meia nos "obriga" a tal. Porém, ao menos, podemos respondê-la com uma infinidade de respostas. Dar a ver, como disse antes , pode ser uma delas. Mas há ainda tantas outras. Escolho por hora, dentre estas tantas possibilidades que a Arte existe porque precisamos dela. Foi o que disse também Ferreira Gullar com sua célebre frase, a mesma que vejo estampada em muitos muros de ateliês , escolas de artes e bolsas de algodão cru e provavelmente, você também já leu ou ouviu por aí em algum lugar : " A Arte existe porque a vida não basta!". É "simples" assim, a Arte existe porque é uma necessidade da vida humana. Porque há sempre de haver gente que não se explica, mas sim, gente que quer explicar. Há quem aceite a lógica do mundo e há quem deseje questioná-la e reinventá-la, há quem siga as ordens dos números e há quem se pergunte porque estamos seguindo essa ordem, a este segundo tipo de gente, muitas vezes chamamos de artista. Na Arte que falamos aqui não se está preocupado com "A*"* verdade, não se está procurando uma única definição de tudo e para tudo. Na arte, decerto, mentiras são até aceitáveis, todavia em Arte não se diz mentira, se diz ficção, metáfora, invenção, sonho, fantasia, verossimilhança, possibilidade. E "por vezes, para ver a verdade, é preciso sair do mundo da realidade e entrar no mundo da

fantasia…” (ALVES,2023, p. 86) Foi o que fiz muitas vezes para me tornar artista e para escrever aqui, fui atrás das verdades na arte.

O homem precisa criar para elaborar o mundo interior e o mundo à sua volta, é um mecanismo natural do pensamento humano. No livro de Afonso, todos os personagens que têm contato com o poeta acabam transformados por ele de alguma forma, mesmo os mais avessos a sua necessidade de existir, isto porque não há como ficar alheio à Arte porque ela é inerente a todo ser humano. “ O objetivo da arte não é alcançar a perfeição, é compartilhar quem somos. E como vemos o mundo.”(Rubin,2023, p. 129)

Retornemos, então, à minha formação como artista.

Mesmo imbuída do sentimento “eu sou artista”, precisei lidar com mais um preconceito autoimposto: acreditei por um bom tempo que ao me tornar professora não teria tempo para criar as artes que realmente queria e assim não poderia ser artista como tanto sonhava, o que me fez relutar muito em seguir essa carreira, juntamente com os preconceitos citados anteriormente, ao mesmo tempo que o mundo me “empurrava” para frente de uma sala de aula. Com o tempo e através de muitas conversas, estudos e leituras, percebi que não estava sozinha, Julia Cameron diz logo nas páginas iniciais de seu livro **O caminho do artista,** já citado antes aqui, algo nesse mesmo sentido:

> “Fui ‘chamada’ a ensinar e atendi ao chamado com alguma relutância. Pensei: *E como fica a minha arte?* Na época, eu ainda não havia descoberto que costumamos praticar aquilo que pregamos; que, ao desbloquear a criatividade dos outros, eu também desbloquearia a minha; e que, como todo artista, eu me desenvolveria muito mais facilmente caso estivesse ao lado de pessoas que dão os mesmos saltos de fé que eu. Quando recebi meu chamado, não imaginava quantas coisas boas o trabalho de professora traria a mim e aos outros”. (Cameron, 2017,p.10)

E a escritora Yolanda Reyes nos reforça:

> “Por ser metade professora e metade escritora e, ultimamente, para colocar mais lenha na fogueira, colunista de um jornal colombiano, carrego e cultivo uma deformação profissional à qual atribuo o fato de não saber muito bem onde me situar …Talvez essa sensação de estar em trânsito entre uma vida e outra, entre um público e outro, seja o que me impulsiona a escrever literatura”.(Reyes, 2012, p. 32-33)

Compreendi, portanto, que ser professora não seria uma limitação. Avancei um passo na direção oposta dos “adultos ou isto ou aquilo”. Concomitante ao rompimento do estigma da profissão professora, precisei

romper também com a autosabotagem que não me permitia enxergar-me como artista mesmo me sentindo uma.

Descobri também através destas muitas leituras e estudos que estes pensamentos sobre não ser suficiente para se nomear artista são uma armadilha comum a muitos artistas, provenientes da própria sensibilidade artística e não uma realidade concreta, “a sensibilidade que lhes permite fazer arte é a mesma que os torna mais sensíveis a julgamentos… alguns artistas de sucesso são profundamente inseguros” (Rubin, 2023, p. 55).

Em diversas ocasiões me considerei indigna de usar a palavra artista para me definir visto que não pagava minhas contas com os lucros de um trabalho artístico consolidado. Pensava que para preencher a lacuna “profissão:_____” com a palavra artista eu necessariamente já deveria ter apresentado ao mundo uma obra, um legado. A raiz desse “problema” estava justamente na pergunta. Ser artista não é minha profissão, ser definido pela profissão é da ordem dos adultos que só compreendem o mundo através da exatidão, da lógica e da razão. O artista, vem de outro lugar,como mencionado ainda há pouco; vem do mundo que se compreende na sensibilidade, na emoção, na imaginação, na verossimilhança, na invenção, na lógica do sonho, na própria expressão de sua existência. Somente com o tempo percebi que “viver como artista é um modo de estar no mundo” (Rubin, 2023, p 11) e que “se artistas pudessem escolher os próprios rótulos, a maioria deles não escolheria nenhum”. (Shan,Ben. *apud* Cameron, 2017, p. 55)

Dessa maneira, nesse processo, de uma vida toda de estudos, como venho dizendo, fui construindo uma sólida consciência da minha identidade seja como professora ou como artista, tarefas cuja realização ocupam a maior parte do meu tempo. E pude, assim, responder aos outros quem sou com cada vez mais certeza de mim e me cercar das ferramentas criativas “certas” que me levam a ser artista e a criar meu livro.

Através da minha própria prática, no dia a dia entre a escola e meu ateliê, em casa; entre planejamentos, artes e aulas pude perceber, por exemplo, o quanto ensinar me ajuda a manter a mente criativa sempre em efervescente funcionamento. Agora já fazem quase 15 anos que exerço, em meio aos afetos

e desafios, a profissão de professora de Arte para crianças do ensino fundamental, primeiro segmento, ensinando e aprendendo Arte com crianças entre 6 e 11 anos. E por estar tão próxima de grupos variados de crianças ao longo dos anos, tenho o privilégio de nunca me distanciar completamente da minha criança interior e observar de perto como a mente infantil e a mente adulta funcionam e talvez por isso as questões do ser adulto e ser criança me sejam tão caras. Vivo no limiar destas relações.

É um exercício fascinante para minha jornada como artista ver de perto o ato criativo de muitos outros “pequenos” sujeitos acontecer bem ali na minha frente, durante as aulas. Nesse sentido, pude perceber, também, bem de perto, o quanto crianças não precisam de definições para desenvolver suas ideias assim como fazem os adultos que venho apontando por aqui.

Como ainda não estão tão expostas e limitadas por tantas regras sociais , não é preciso apresentar diploma para entrar numa brincadeira de pique pega, por exemplo; não é preciso ter feito mil cursos para construir uma casa de bloquinhos de madeira, não é preciso ser especialista em nada para olhar o céu e encontrar desenho nas nuvens, não é preciso mostrar sua carteira de identidade nem mesmo dizer seu nome completo para fazer um novo amigo no parque, algumas amizades entre crianças se formam dispensando-se até mesmo qualquer apresentação, basta estar disponível. Esse é o poder da criança que diz-se ser também o poder do artista : saber olhar as coisas com o olhar de quem vê tudo pela primeira vez, o fascínio com a vida sem o peso das cobranças da vida adulta.

E muitos daqueles que se dedicam a falar e estudar sobre arte, educação e infância inevitavelmente falam deste assunto. Não é nada incomum encontrar relatos que aproximem o olhar artístico com o olhar infantil ou vice e versa. Como bem podemos ver nestes dois trechos retirados do livro **O ato criativo**:

> Como artistas, buscamos restaurar aquela percepção infantil: um estado mais inocente de encantamento e apreciação, não atrelado à utilidade nem à sobrevivência. (Rubin, 2023, p. 24)
>
> Esses superpoderes infantis incluem estar presente no momento, valorizar a brincadeira acima de tudo, não se importar com as consequências, ser radicalmente franco sem fazer considerações e ter a capacidade de se mover com liberdade de uma emoção a outra sem se agarrar à história. Para as crianças, cada momento é tudo que

> existe… Os grandes artistas da história são os que conseguem manter naturalmente esse entusiasmo e essa exuberância infantis. (Rubin, 2023, p. 91)

Ou neste trecho, do célebre historiador Ernst Gombrich:

> Ora, os pintores sentem, às vezes, como se estivessem nessa viagem de descoberta. Querem ver o mundo como uma novidade e rejeitar todas as noções aceitas e todos os preconceitos sobre a cor rosada da carne e as maçãs amareladas ou vermelhas. Não é fácil nos livrarmos dessas ideias preconcebidas, mas os artistas que melhor conseguem fazê-lo produzem geralmente as obras mais excitantes. Eles é que nos ensinam a ver na natureza novas belezas de cuja existência não tínhamos sequer suspeitado (Gombrich,1995, p. 29)

Ou ainda, através destas palavras do artista Rubem Alves:

> Quem não muda sua maneira adulta de ver e sentir e não se torna como criança, jamais será sábio. (Alves, 2023, p.42)

Essa lista poderia ser ainda mais extensa, certamente, mas acredito já nos bastar estes exemplos. Fato é que, há pouco do ser adulto numa criança mas pode haver muito do ser criança no adulto. E de maneira geral e positiva, os artistas ou as pessoas criativas são estas que conseguem justamente manter o sentimento da infância, esse encantamento, vivo dentro de si.

Outra importante forma de me firmar como artista foi através do reconhecimento dos pares. Como quando ainda era estagiária na faculdade e um renomado artista, *“maluquinho”*, que eu admirava desde a infância elogiou meu trabalho, quis me conhecer e disse-me algo como : “Você deve assinar esse trabalho, você é a artista e todos precisam saber” eu pensei, *acho que agora posso mesmo me chamar artista, foi o Ziraldo quem disse.*

Durante as aulas da pós-graduação , O Livro para a Infância, novamente fui validada pela identificação com muitos colegas de turma que também trabalhavam nas áreas da educação e das artes. E ainda nas aulas da pós “conheci” artistas que também me ajudaram de alguma forma a construir esta minha identidade.

Fui completamente impactada, por exemplo, pela obra dos artistas brasileiros Manoel de Barros, Angela Lago e Edith Derdyk, pelo livro *A nova arte de fazer livros* do artista mexicano Ulises Carrión e pelo livro *Onde vivem os monstros* do artista norte americano Maurice Sendak sobre os quais falarei mais adiante. Certamente, tenho outras obras e artistas que ajudaram a me definir como artista e se desdobram na minha arte, além de muitas outras pessoas,

leituras, momentos, coisas ou lugares ; visto que somos a reunião de tudo que nos acontece, afinal. Todavia, estes citados acima acabaram por me influenciar diretamente no meu projeto final de conclusão do curso como detalharei no capítulo a seguir e por isso os evoco.

Acima de tudo, compreendi que somos nós mesmos os primeiros, melhores e mais importantes definidores de quem somos. Se é preciso que alguém defina quem somos, que sejamos nós os primeiros a fazê-lo. É preciso você mesmo se reconhecer como artista. Não de forma arrogante muito menos exibicionista, entender-se e afirmar-se artista por si mesmo é a forma mais justa de colocar sua arte para existir no mundo; não porque alguém pediu mas porque a própria arte pediu para existir através de você, pois é assim que você sente e compreende o mundo, a vida. Assim bem definiu, o poeta austríaco, Rainer Maria Rilke em suas cartas ao jovem estudante Franz Xaver Kappus que almejava ser poeta :

> O senhor olha para fora, e é isso sobretudo que não devia fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio.Volte para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido escrever. Sobretudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso* escrever? Desenterre de si mesmo uma resposta profunda…e se, desse ato de se voltar para dentro de si, desse aprofundamento resultarem *versos,* o senhor não pensará em perguntar a alguém …verá neles seu querido patrimônio natural, um pedaço e uma voz de sua vida…talvez ela revele que o senhor é chamado a ser artista. Nesse caso aceite sua sorte e a suporte, com seu peso e grandeza, sem perguntar nunca por sua recompensa que poderia vir de fora.Pois o criador tem de ser um mundo para si mesmo e encontrar tudo em si mesmo e na natureza, da qual se aproximou…basta, como foi dito, sentir que seria possível viver sem escrever para não ter o direito de fazê-lo. (Rilke, 2025. p. 24-27)

Por isso, reconheço-me como artista e entendo, portanto, que faço parte da categoria de adultos, de gente, que usa as palavras para mais do que simplesmente definir; usamos as palavras para explorar, transformar, criar e recriar. E particularmente, desde que parei para refletir sobre as palavras, entendo que a função mais feliz da palavra é criar. E a esta categoria de adultos pertencem todos os seres sensíveis, aqueles que entendem a imaginação e a emoção como ordem das coisas.

Veja bem, essa ideia de rotular as coisas não é de todo ruim então. Há vantagens em definir e limitar coisas; quem diria não é?! Só precisamos ficar atentos e não nos manter presos definitivamente nesse limite. Definir não significa necessariamente aprisionar uma ideia. Definir, em nossa pesquisa, e também na vida, acredito eu; deve ser encarado como direção, possibilidade, pois é nesse lugar que arte se localiza. Entre o bom e o ruim, o certo e o errado, o isto e o aquilo; há o caminho do meio, do entre, o caminho das possibilidades.

Reafirmo que é neste lugar que está a Arte e minha pesquisa.

Saber quem se é, por exemplo, tem grande valor para traçar objetivos e metas e se chegar onde se quer, por isso, também foi um alívio poder me enxergar e me assumir como artista e me entender como alguém que vive a partir do impulso criativo inerente a todo ser humano. Dessa maneira foi possível olhar, conhecer e explorar as possibilidades de se criar um livro usando conceitos como ponto de partida e/ou pontos de apoio.

O caminho que trilhei para me tornar, ou melhor, me reconhecer artista foi sempre norteado por muita leitura, estudo e fruição artística de diversas fontes, a curiosidade de criança e a vontade de criar me são comuns e estão sempre ativas em mim. Estudar, certamente, é uma das formas mais eficazes de manter meu processo criativo em retroalimentação. E este processo perpassa, decerto, pelos artistas que “consumo” (conheço, pesquiso, admiro), pela observação do mundo à minha volta e pela necessidade “inexplicável” de criar porque é assim que sinto o mundo. Sinto a necessidade de me expressar, como todo ser, e entendi, faz tempo, que melhor o faço quando crio arte.

É comum a muitos estudiosos do ato criativo supor que muitas das ideias que temos já estão no mundo e/ou dentro de nós, nosso “trabalho” como artistas é captá-las e torná-las reais no mundo visível. Tais reflexões estão bem descritas, por exemplo aqui:

> Nascemos criativos porque essa habilidade é característica da nossa própria espécie ao ponto de sequer precisar ser ensinada… criar é usar a mente humana em todo seu potencial. Diferente da imaginação, cujos resultados vivem só na mente, a criatividade traz novas coisas para o mundo. (Longoni, 2021, p. 15)

Ou nestes trechos:

> A criatividade não é uma habilidade rara. Não é difícil acessá-la. A criatividade é um aspecto fundamental do ser humano. É um direito nosso de nascença. E é para todos nós… Criar é trazer à existência algo que antes não existia. (Rubin, 2023, p. 10)

> A razão para estarmos vivos é nos expressarmos no mundo. E criar arte pode ser o método mais belo e eficaz de fazer isso. A arte vai além da linguagem, além da vida. É um modo universal de enviar mensagens entre nós e através do tempo. (Rubin, 2023, p. 278)

E também aqui:

> Penso, com Paul Klee e com Bachelard, que criação artística é metáfora da criação cósmica…prefiro escrever assim:receber sinais, transmutar esses sinais, alquimizar essas matérias vindas da natureza e da cultura, criar novas matérias significativas, novos sentidos… (Antônio,2002, p.25)

Assim sendo, muitas vezes acabamos por notar que algumas das ideias que estão em nossa cabeça também já estiveram de algum modo em outras mentes, sendo ainda mais incrível quando a obra de um outro artista nos confronta com nossas próprias ideias e nos faz sentir algo como: “é isso, é exatamente isso que sinto e/ou penso”. Assim também se abre o canal potente da Arte e podemos dizer mais uma vez que é para isso que a Arte “serve” se é que precisemos atribuir-lhe serventia. Eis mais uma possibilidade: A arte “serve” para “compartilhar quem somos e como vemos o mundo…a percepção do artista nos lembra quem somos e quem podemos ser. Uma razão para a arte reverberar é que os seres humanos são muito parecidos”(Rubin, 2023, p 129)

Por diversas vezes foi isso que senti ao ler o livro **O ato criativo** do autor Rick Rubin e não por acaso o cito neste trabalho em diferentes pontos. À saber, nesta obra o autor trata da criatividade como um modo de vida que pode e deve ser acessado por todo ser humano, a criatividade como uma força vital que nos move e não um privilégio somente dos artistas.

Foi também o que senti quando li **O caminho do artista,** de Julia Cameron, outra obra citada, novamente não por acaso, aqui outras tantas vezes.

É o que sinto toda vez que ouço uma música de Lulu Santos, leio um poema de Carlos Drummond de Andrade, vejo um quadro de Van Gogh e mais uma interminável lista de conexões com a Arte de outros artistas. De certo que cada um possui uma destas interminável lista também, onde encontramos um pouco de nós naquilo que nos afeta e nos construímos e reconstruímos através desse processo de descobertas e reconhecimentos através da fruição da arte.

Esse caminho nunca se esgota, criar Arte está indissociavelmente ligado a gostar de Arte e consumí-la. Entendi que para criar meu livro, eu estava fatalmente, e felizmente, claro, ligada a ter contato com a Arte de outros artistas. Ao saber da criação de outros, muitas vezes, nos autorizamos a nos arriscar em criar também. Há aí uma única armadilha a ser superada: o medo. Assunto este, que voltaremos a tratar com um pouco mais de atenção nas considerações finais.

Ainda sobre estudos em Artes, um sinônimo fabuloso de artista é poeta. De início, talvez, você também pense que para se considerar poeta é preciso ter escrito um livro de poesia. Não é o caso. Ser poeta é ser artista, é um modo de enxergar a vida. E, novamente, não digo isso sozinha:

> Para o poeta Décio Pignatari, um poeta é um *designer* da linguagem, um desenhista da língua. O poeta cria novas formas expressivas, rabisca, faz esboços do mundo com a palavras. (Cunha, 2012,p 53)

Nas palavras de Rubin lemos que “Toda arte é uma poesia.” (Rubin, 2023, p.179)

E pelo texto de outro autor, Severino Antônio , entendemos que:

> A poesia é antídoto contra a inexpressividade, contra a neutralização das vozes. Escova a contrapelo os dizeres banalizados, clara ou insidiosamente impostos. Recusa as falas feitas, a linguagem estereotipada, as imagens manipuladas. Religa a sensibilidade, inteligência e imaginação. Desenvolve novos modos de perceber e expressar. Desperta poderes latentes da vida. Desperta capacidades de pensamento, de linguagem, de ação. (Antônio, 2002,p.14, 15)
>
> A poesia precisa das emoções. Sem o que pulsa e estremece a existência, sem a dança das paixões e dos símbolos sensíveis , não existe poesia. (Antônio, 2002, p.86)

Agora, enfim, consigo finalmente dizer quem sou. Sou uma criadora de coisas, eu sou poeta, professora, artesã, EU SOU ARTISTA e definir este meu lugar me ajudou a ficar perto de algumas das coisas que mais gosto: imagens e palavras.

Sobre isso também diz Krenak :

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida…E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre

> poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso,estaremos adiando o fim.(pág. 26-27)

E diz, ainda, Will Gompertz, artista,escritor, editor de arte…

> Somos uma espécie rara de seres imaginativos. Nossa habilidade para conceber e realizar ideias complexas requer uma série de processos cognitivos que estão além da capacidade de qualquer outra forma de vida ou de qualquer máquina… Fazemos isso o tempo todo, quando preparamos uma refeição ou digitamos uma mensagem espirituosa a um amigo. Podemos considerar tais tarefas mundanas, mas elas ainda exigem que sejamos imaginativos, criativos… usar a imaginação ativa enriquece a mente e a experiência de vida. (p. 10)

Em essência, estamos falando em criar.

> Repare-se que quando me refiro à "poesia", uso a palavra no seu sentido mais profundo. Samuel Johnson, no seu monumental dicionário, tem três definições para a palavra "poeta", em ordem decrescente de importância: primeiro, "alguém que inventa"; segundo, "autor de ficção"; e por último, "escritor de poemas". (Cruz, 2020, p. 85)

E que no fim das contas ou pra início de conversa, somos todos artistas.

Por, também, acreditar nisso e saber, agora e por enquanto, quem sou decidi publicar os livros que maturo há tempos na minha mente ou nas minhas gavetas e através do meu processo criativo tratar, nos livros, e aqui, de arte e/ou poesia. Compreendi que aquilo que une palavras e imagens em mim é a poesia. Não preciso escolher então se sou escritora ou ilustradora, professora ou qualquer outra coisa. Posso responder a Cecília [7] mesmo que ela nem saiba que me perguntou, que eu já consigo entender qual é melhor, isto ou aquilo; sei que não preciso escolher isto e perder aquilo, posso de tudo um pouco, ou muito, porque posso ser poeta (artista).

Remexendo em papéis antigos, pois sou filha de uma mãe que adora guardar papéis, encontrei meu primeiro livro, ou melhor, o primeiro livro que talvez eu tenha criado e colocado em um papel em formato daquilo que chamamos comumente de livro. Ou provavelmente seja apenas o papel mais antigo que rabisquei na infância guardado por minha mãe que eu tenha tido a sorte de reencontrar.

[7] Cecília Meireles, artista, jornalista, pintora, poeta, escritora e professora brasileira que escreveu dentre tantas obras a poesia "ou isto ou aquilo"



São 6 folhas, hoje bastante oxidadas pelo tempo, grampeadas em três pontos onde a Marcela, de 7 ou 8 anos, de acordo com a data escrita no cantinho do papel, 1995, desenhou uma capa, com tipografia especial para o título de sua história ‘O ET já vem’ mesmo sem saber na época o que seria tipografia ou design de capa. Ainda nessa capa lê-se a palavra autora seguida do meu nome completo pois fui ensinada desde muito cedo por um pai entendedor de leis que eu deveria assinar e datar tudo que criasse. Obviamente nem sempre eu me lembrava disso, mas dessa vez, por sorte novamente, me lembrei. No verso escrevo meus agradecimentos, que curiosamente, ou não; ainda são os mesmos: à minha família, pai, mãe, irmã, e a Deus. Seguem-se páginas numeradas de 1 a 4 onde a Marcela recém alfabetizada desenhou na parte superior das folhas e na metade de baixo escreveu cuidadosamente nas linhas, feitas a régua que riscou no papel, a história de uma amizade entre uma menina comilona e um extraterrestre. Foi inevitável cometer erros de ortografia que deixaram a leitura da história muito mais engraçada para a Marcela de hoje, e entendendo que a Marcela daquela época também não sabia que é sempre bom contratar um bom revisor de texto quando se cria um livro, é claro.

O mais importante nisso tudo é, entretanto, saber que já está lá registrada naquelas poucas folhas feitas em forma de brincadeira o meu desejo enraizado: CRIAR.

Criar arte, desenhos, palavras, histórias, livros…enfim criar poesia e ajudar a adiar o fim do mundo.

Capítulo 2

Imagem e palavra. Palavra e imagem.

Logo no começo dos estudos desta pós-graduação O Livro Para a Infância, eu já havia decidido criar um livro, um dos muitos que penso em fazer nascer, assim que a possibilidade nos foi apresentada como uma forma de concluir os estudos; produzindo uma obra. Nada mais artístico e coincidente com meu momento. Escolher qual livro produzir, sobre o que falar, também foi fácil, eu queria falar de palavras e imagens.

Mas antes de pesquisar sobre o assunto em outras fontes acabei por buscar em mim mesma de onde vem meu interesse pelas palavras e pelas imagens e me debrucei sobre muitas memórias em que a força das palavras e das imagens moldou quem eu sou. E dessa vez não vamos falar de quem eu sou como profissional, mas sim como pessoa, apesar de ambas as definições coincidirem em mim pelo conceito artista. Caminharemos pela multiplicidade do ser outra vez.

Fui criada num lar rodeada por livros, brinquedos, brincadeiras e afeto. Cresci numa família de parentes numerosos e eventos familiares que me rendem muitas memórias e histórias. Logo cedo me entendi uma observadora muitíssimo atenta ao que acontecia ao meu redor, de timidez grande para falar em público mas extremamente incentivada a explorar a imaginação. Quando adulta percebi que já me utilizava da sensibilidade de artista desde muito pequena para observar e entender o mundo à minha volta, sem saber que essa era uma característica do ser artista. Tudo à minha volta podia e ainda pode acabar virando uma história ou um personagem, as coisas vão se acumulando em mim e o repertório, como em todo mundo, vai sendo criando. Tive a sorte (?!) de ter pais muito preocupados em “alimentar” a artista em mim, fosse me comprando materiais de arte, me levando ao cinema, bienais do livro, museus ou no “simples” incentivo de me deixar criar o que fosse. Alguns dos momentos em que posso nomear o nascimento do meu encanto pelas palavras e pelas imagens datam realmente de momentos familiares ainda bem pequena. Lembro bem da primeira vez que fui ao cinema assistir a um desenho animado em uma tela gigantesca, com apenas 4 anos, e ainda hoje consigo reviver aquela emoção sempre que falo deste dia, e sentir novamente a cachoeira sumindo

dando lugar em cena ao castelo da animação Disney, A Bela e a Fera; jamais me esqueci do impacto daquela imagem enorme que se repetiu ao longo de toda minha infância e se perpetua ainda hoje. No ano seguinte assistimos a Aladdin, outra animação Disney; e eu ainda consigo lembrar do meu coração acelerado e os olhos apertando de medo daquela caverna em forma da cabeça de um tigre que surge da areia logo no início da animação. Ir ao cinema ver desenhos animados tornou-se uma de nossas tradições de mãe e filhas mais fortes, e por sorte minha [sorte: conceito que muito me acompanha quando não tenho uma palavra mais racional para definir o que me aconteceu - subterfúgio comum do meu eu artista] levou-me a guardar na memória muitas imagens incríveis que ainda habitam meu imaginário.

Por falar em cinema, outra lembrança que me constitui fortemente foi o primeiro filme a que assisti com pessoas, que agora deu-se para nomear de live-action, e não um desenho; eu tinha por volta de 6 anos e pouquíssima intimidade com o alfabeto. Ainda dava meus primeiros passos na leitura, mas o filme que assistiríamos e me marcaria profundamente, desde aquele dia, era legendado. [Sorte também dessa vez?! Você vai entender que sim, espero]. Lembro- me vagamente de saber que teríamos de ler partes do filme e minha mãe sabiamente nos disse algo como “você vai entender o filme, basta prestar atenção”. Ela tinha razão, sabia intuitivamente da força da arte e das imagens. Mesmo sem entender o idioma que falavam, inglês, e sem conseguir ler a legenda, em português; eu assisti com extrema atenção o que acontecia no filme, e lembro de rir e me apaixonar pela história e esperar ansiosa para rever o filme quando passasse na televisão. O fato de não saber ler com fluência ou de não saber o idioma original do filme, não me impediu de amar o que estava vendo acontecer bem na minha frente. Pelo contrário, a força da arte se fez, lembro do encantamento desse dia que, naturalmente, colocou o filme “Uma babá quase perfeita” no hall dos meus filmes favoritos desde então.

Coincidência ou não, outra grande paixão que tenho é a dublagem; que aparece também como parte integrante da história de Uma babá quase perfeita através do personagem principal do filme e mesmo que minha primeira experiência com esse filme tenha sido a partir de uma versão original legendada o que me prendeu os olhos na tela foi a brilhante atuação de Robin Williams,

com suas caras, bocas e vozes diferentes e as cenas de bastidores como dublador de desenhos animados e apresentador de um programa de televisão para crianças. O encantamento desse filme, em mim, penso ter surgido muito dessa “janela” para ver como nascem as coisas, os bastidores, o como é feito, que sempre me instigou.

Entendo também que a dublagem brasileira, por sinal, é outra fonte importantíssima que me fez amar as palavras, decorei muitas falas dos filmes que vi e brinquei de repetí-las diversas vezes, e ainda brinco. A força dos diálogos em minha língua materna contribuiu também para que eu prestasse bastante atenção nas palavras e nas vozes e lesse atentamente os créditos após o filme, com os nomes dos artistas . Por isso, passei a reparar em quantos artistas eram necessários para fazer os filmes, brincava de tentar achar nomes e sobrenomes conhecidos e prestava atenção também nas letras em si, suas cores e formas; tudo ao mesmo tempo e sem qualquer intuito claramente definido, era apenas minha mente curiosa se alimentando, ou minhas ferramentas de artista já em ação. Estes hábitos, todos, ainda me acompanham, aliás.

Tão interessante quanto ver os filmes era ler o que vinha depois e ainda algo melhor: assistir aos extras. Lembro bem da minha animação de pegar uma fita de vhs dos filmes Disney e aguardar pelas cenas pós créditos tanto quanto assistir aos filmes em si. Era comum ao final dos filmes que se apresentasse bastidores das produções, clipes, cenas deletadas e pesquisas de personagens, por exemplo. Era a alegria da minha criança que adorava descobrir como nascem as coisas genuinamente aprendendo. Rebobinávamos as fitas várias vezes para rever esses extras em detalhes e eu fui descobrindo como eram desenhadas as cenas, modelados os personagens, como os artistas estudavam com modelos vivos os movimento e expressões a serem retratados, como a história ia se construindo parte por parte, minuciosamente. Fui, assim, guardando esse como fazer, essas imagens e essas palavras comigo.

De certo que assistir documentários sobre o ‘como’ das coisas, a origem e os detalhes, ainda são, até hoje, outra das formas mais comuns que uso para

manter minha criatividade ativa, juntamente com a fruição estética e o hábito de ler.

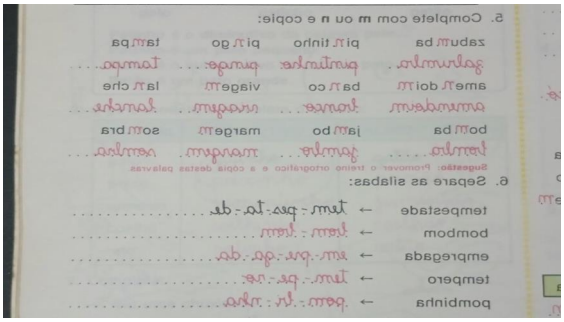
Os livros também sempre estiveram por perto, lembro-me de folhear os “livros do professor” de minha mãe e me demorar por horas no desenho das letras que reproduziam a caligrafia manual de um jeito redondinho que me encantava e de me perder nas ilustrações de cada página, mesmo nos livros de ciências ou matemática. Lembro das coleções de contos de fadas de ilustrações extremamente detalhadas e dos livros da versão Disney que me permitiam ter na mão a cena dos filmes que eu me encantava assistir nas telas. Ainda me lembro do fascínio de aprender a ler, e me reconto algumas memórias especiais desse momento para que essas lembranças perdurem em mim. Uma delas é a lembrança de pegar o livro que a escola nos mandava para casa e uma cadeirinha do meu tamanho, colocando-a na cozinha enquanto minha mãe preparava nosso jantar e ler cada história com muito afinco, menos quando apareciam palavras com as letras QU ou GU que por algum motivo eu as confundia e não sabia muito bem como pronunciá-las. Logo cutucava minha mãe para perguntar – Mãe, o que está escrito aqui? e ela calmamente me ajudava a ler e assimilar o que eu achava não saber ler sozinha. Lembro da alegria de ganhar gibis da turma da Mônica, especialmente as versões em tamanho grande chamadas Almanacão que prendiam minha atenção e da minha irmã por horas. Sem falar num detalhe importante e curioso, minha mãe não nos deixava colorir no livro diretamente para não “estragá-lo”, ou melhor, para poder reutilizar a imagem se quisessemos. “Coisa de professora”, entendi depois, minha mãe pensava em xerocar as imagens e usá-las em alguma aula. Então, aprendemos com ela a colocar uma folha branca por cima e copiar o desenho, o que me levou a desenvolver a atenção e a paciência na hora de desenhar mesmo a contragosto, algumas vezes, devo confessar. Em outros casos podíamos colorir as ilustrações dos livros, nunca soube bem os critérios nesse caso, mas há muitos livros em que eu e minha irmã deixamos nossa contribuição como coloristas.

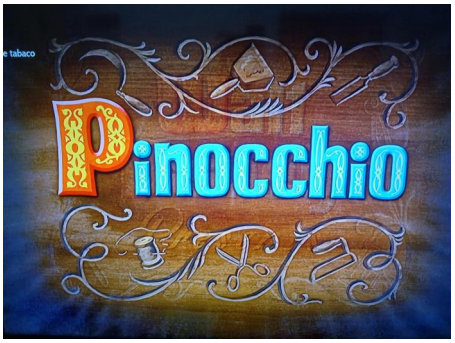

Peter Pan
& Amigos


ALMANAQUE DE FÉRIAS
VAMOS COLORIR

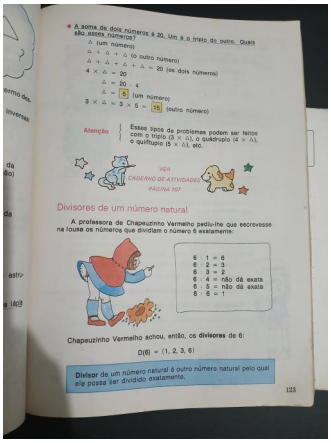

A Mágica da Matemática


Cinderela
O SOLDADINHO DE CHUMBO

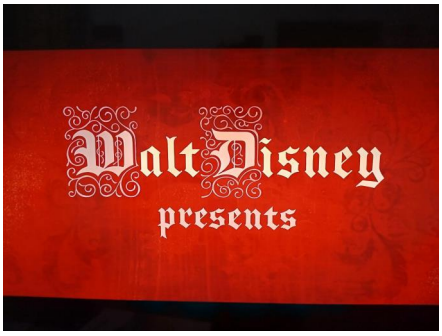



Pinocchio


A Bela Adormecida Clip
Confira uma prévia deste lançamento.
Cena Alternativa: A Chegada de Malévola
A chegada de Sua Excelência Malévola, a Fada das
anunciada no batizado da princesa Aurora.
Cena Inédita: A Maldição se Realiza
Malévola convence Aurora de que, tocando a roda de
realizará seus sonhos de um amor verdadeiro.
Cena Deletada: A Festa


Divisores de um número natural


Production Supervisor - - - - - Ken Peterson
Sound Supervisor - - - - - - Robert O. Cook
Film Editors - - - - - - - Roy M. Brewer, Jr.
Donald Halliday
Music Editor - - - - - - Evelyn Kennedy
Special Processes - - - - - - Ub Iwerks
Eustace Lycett
© COPYRIGHT MCMLVIII - WALT DISNEY PRODUCTIONS - ALL RIGHTS RESERVED


Walt Disney
presents


CIRANDA DO TEMPO
CECÍLIA MEIRELES
OU ISTO OU AQUILO
A DESCOBERTA da Joaninha
ROMEU E JULIETA
RUTH ROCHA
O GRANDE RABANETE
a menina do avental
betty coelho silva
As Centopéias e seus sapatinhos
Milton Camargo
Lúcia Vou-Vou

Com meu pai guardo outras boas e divertidas lembranças como jogar videogames e narrar o que ia acontecendo imitando o jeito de falar específico de um jornalista famoso da época chamado Gil Gomes. Não sei como explicar essa história a não ser pelo desejo de criar, eu imitava, pois é assim que as crianças aprendem, o jeito de falar do jornalista que possuía um gestual característico e um jeito rítmico de impostar a voz ao contar suas histórias. Eu brincava de reproduzir esses trejeitos inventando as minhas histórias a partir do que via meu pai e minha irmã fazer com os bonecos que estavam jogando. Crianças e artistas, ou crianças artistas, são assim mesmo. Já sabemos que fazer sentido não é exatamente a ideia aqui.

Recordo, também, das vezes que tinha dúvidas no significado de uma palavra; ía correndo até meu pai e antes que ele me respondesse qualquer coisa ele estendia as mãos e fazia uma brincadeira simples, com os dedos esticados separadamente na minha frente dizia " aperte aqui para saber" e ao apertar um de seus dedos ele nos dizia o significado da palavra, nos dava exemplos de frases ou também nos dava alguns sinônimos, tal qual um dicionário ambulante como carinhosamente o chamamos muitas vezes. Aliás, percebi agora, que ele nos ensinou certo apreço por esse livro, o dicionário, e certo gosto em saber os significados e origens das palavras e das coisas também por isso.

Sempre me recordo de outro momento com meu pai e as palavras... Havia uma loja chamada *Borgauto* que ficava em nosso trajeto de casa para a escola, e eu perguntava insistentemente a meu pai, quase todo dia, senão todos, " o que está escrito ali", ele pacientemente respondia repetidas vezes *"Borgauto"*. Acho que a sonoridade da palavra me atraía, além da forma das letras enormes com cores fortes, vermelho, ou seria azul, não sei ao certo, me faziam querer identificar aqueles símbolos. Um dia qualquer eu realmente li *Borgauto* e a alegria tomou conta de mim, eu não estava repetindo uma informação, eu realmente li e me lembro de dizer a meu pai por outras tantas vezes… "sabe o que está escrito ali? *Borgauto*, eu sei, eu li."

Atualmente ainda faço esse trajeto para seguir na direção da minha casa para a escola onde trabalho, e o velho letreiro *Borgauto* foi substituído, a loja de peças para automóveis não existe mais, deu lugar a uma igreja que de tempos

em tempos quando fazia a reforma de sua fachada acabava por revelar de novo o antigo letreiro e me permitia ler suas letras bem apagadinhas. Hoje em dia o letreiro físico também já não existe mais, foi retirado na última reforma do lugar. Mas na minha cabeça, mesmo sem o letreiro aparente eu sei que ali está escrito *Borgauto*. Eu sei porque eu li. Essa emoção nunca me abandonou.

Como uma criança que cresceu nos anos 1990 também tive a televisão com seus programas infantis e desenhos animados como constantes companhias, fonte de aprendizado e ferramenta de impulsão da imaginação. E em muitos desses programas, das minhas partes favoritas, claro, eram os momentos em que se ensinava como fazer algo; quando a apresentadora dizia: pegue um papel, cola e uma tesoura, sem ponta e vamos aprender a criar, seja lá o que fosse ou quando exibiam como eram feitas as coisas em suas fábricas , por exemplo no Programa Rá- tim- bum[8] em seu quadro "Viu, como se faz" e no quadro "Como se faz" do programa Castelo Rá-tim-bum[9]. Ambos com suas músicas próprias que embalavam aquelas descobertas enquanto iam descrevendo em palavras e imagens, por dentro dos maquinários e através dos processos manuais, como eram feitos uma bola de vôlei, um prato de vidro ou um violão, por exemplo.

Também fui uma criança que amava álbuns de figurinhas, papéis de carta, cadernos de adesivos, jogos de tabuleiro, quebra cabeças, adorava recortar palavras e imagens de jornais e revistas e guardá-las comigo; inventava brincadeiras com qualquer coisa disponível no quintal dos avós com os primos, dentro do ônibus ou sentada em algum restaurante com minha irmã, onde nossos pais nos levavam, ou no quarto em que dividíamos espaço também com

[8] Programa televisivo infantil brasileiro criado por Flávio de Souza e Fernando Meirelles, produzido pela TV Cultura na década de 1990 (1990 – 1994). Série educativa que misturava ficção, reportagens e muitos quadros com enfoque na aprendizagem de conteúdos variados como português, matemática e história, por exemplo.

[9] Programa televisivo infantil brasileiro criado por Flávio de Souza e Cao Hamburger, produzida pela TV Cultura na década de 1990 (1994 -1997). A série fictícia apresentava o personagem Nino, um aprendiz de feiticeiro de 300 anos, que passa a morar no castelo dos tios feiticeiros Victor e Morgana e vive diferentes aventuras ao interagir com a casa, seus moradores e diversos outros personagens. O programa possuía muitos quadros educativos que falavam sobre diferentes assuntos como por exemplo, arte e cultura.

nossos brinquedos montados pelo chão sempre prontos para a próxima brincadeira.

Em algum momento descobri também que amava desenhar e passava horas nisso, muitas vezes recusando qualquer outra ideia que alguém tivesse a me oferecer, o que fez minha irmã me dizer alguns anos depois: “eu ia te procurar pra brincar e lá estava você desenhando”. Recordo de ver meus primos mais velhos desenhando e andando com suas pastas cheias de desenhos e pensar, eu também quero fazer isso. E eu fiz, eu vivia mesmo desenhando, desenhava compulsivamente e ia guardando tudo, ou quase tudo em pastas, escrevia e escrevia. Vivia copiando trechos de poesias que achava em livros e depois nas páginas de pesquisa dos primórdios da internet, e assim dando meus primeiros passos em escrever minhas próprias histórias e poesias em cadernos e folhas ainda guardados com minha mãe e em parte comigo. Assim acumulavam-se comigo cadernos, folhas, objetos, costuras e artes de todo o tipo, ser artista me aconteceu desde sempre.Fui uma criança artista porque tive a sorte [cá está ela de novo] de conviver em ambientes em que a arte estava sempre presente e por ter pais que me permitiram e incentivaram a sonhar, imaginar e criar.

Na escola, cresci interessada especialmente nas aulas de redação, português, história, e de arte claro, apesar de só ter tido contato com esta última, como disciplina escolar, efetivamente na pré-adolescência. Em contrapartida, disciplinas como matemática, física ou educação física que me exigiam maior desenvolvimento das habilidades lógico-matemática e corporal-cinestésica[10] me causavam certo desespero. Com as palavras e as imagens tive apreço logo cedo mas já com os números e o corpo apresentei sempre certo desconforto e no geral, me parece que sempre achei mais cômodo pensar do que fazer; quando o fazer não me exigia criar, afinal já dizia o dito popular : na teoria é fácil, não é ?!

É comum ouvir-se por aí como as escolas são boas em “matar” a criatividade e nos desencorajar no caminho natural da criação, do diferente, da inovação. Todavia, quando crescemos “pede-se” a um bom profissional que ele

[10] Conceitos retirados da pesquisa de Howard Gardner, sobre as múltiplas inteligências que nos constituem.

saiba regular suas emoções rapidamente diante de uma crise e saiba também responder de forma imediata, inovadora e criativa diante de um problema. Percebe a incoerência que alimenta nosso sistema? Para formar pessoas criativas precisamos permitir sem preconceitos, julgamentos ou restrições desnecessárias que nossa capacidade de criar se manifeste; e é isso que se ensina e aprende, por exemplo e não deliberadamente, nas aulas de arte. Somente anos mais tarde, já adulta, pude fazer as pazes com as essas habilidades que eu achava não ter qualquer relação comigo, muito por conta do que aprendi ao ler sobre as múltiplas inteligências, de Howard Gardner, [11]que coloca para nós a ideia de que não existe “a” inteligência, uma única resposta, mas sim várias formas de se fazer inteligente. Possuímos, cada um de nós, de acordo com essa visão, muitas habilidades com graus maiores ou menores de interesse e desenvolvimento que nos farão “ser bom” em matemática ou ser uma pessoa extremamente comunicativa, por exemplo, sem que uma coisa impeça a outra, de fato e todas sendo passíveis de ser desenvolvidas e aperfeiçoadas.

Minha vergonha em achar-me incapaz e desengonçada demais para fazer qualquer esporte era também uma dificuldade em me expor e me colocar em posição de errar, talvez bem maior do que a inaptidão para praticar esportes que eu acreditava ter. Ao criar, ao fazer arte, desenhar, escrever uma história aprendemos, e eu entendi isso tardiamente, que errar é comum, inevitável e necessário para se chegar ao melhor resultado.

Apaziguei, também, muitos dos meus “traumas” com os números e ressignifiquei certa dificuldade em sair do campo das ideias para a prática através da arte; entendendo que a criatividade para sair do campo da imaginação pressupõe uma prática; todo ser humano é capaz de ser criativo e fazer arte, basta que se estimule a pesquisa, o estudo e se encoraje a prática, o fazer, o criar depois de imaginar. Nesse mesmo sentido foi que o artista Walt Disney nomeou as pessoas que o ajudaram a criar e construir o parque temático,

[11] Professor, pedagogo, psicólogo e pesquisador, norteamericano, responsável por estruturar e difundir a teoria da existência de múltiplas inteligências, ampliando este conceito para além das habilidades lógico/ matematemática e verbal. Tive contato com suas ideias ainda como estudante do ensino médio e posteriormente, já adulta, pude ler sua teoria numa edição revisada por ele mesmo de sua pesquisa no livro Inteligência - um conceito reformulado, publicada no Brasil pela editora Objeiva em 2000.

Disneylândia, com um nome especial: *Imagineering,* junção das palavras *imagination* e *engineering,* em português imaginação e engenharia, imagineiros. Uma categoria profissional que alia técnica, criatividade, cálculos, sensibilidade, experimentos, lógica e livre imaginação para criar os ambientes e atrações dos parques. Categoria de gente, de adultos, extremamente importante para o sucesso das empresas Disney até hoje; protagonistas de muitos dos documentários que eu adoro consumir sobre os bastidores criativos dessa empresa e suas artes e pelos quais pude ver os números com menos rigidez e mais ludicidade.

Ao me tornar professora de arte também reafirmei este meu compromisso de fazer valer a liberdade criativa nas escolas, pensando e criando arte. Minha motivação como artista e professora é justamente ocupar, sempre que possível, esse lugar para outras crianças e dizer: vai lá, divirta-se e invente, e se der errado, é só tentar de novo, de outro jeito e quantas vezes quiser. E a propósito, também funciona com adultos.

A força das letras e das formas, da imaginação, da arte estão nessas memórias e é com elas que dou sempre meus primeiros passos como artista; de algum jeito, ou de muitos, tudo isso se encontra nas minhas criações.

Bem disse o artista, pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo espanhol, Pablo Picasso: “Toda criança é um artista. O problema é como permanecer um artista depois de crescer”. Depois de caminhar por minhas memórias e tomar consciência da minha capacidade criativa passei a me debruçar sobre todo o novo conhecimento teórico sobre Literatura para as infâncias que adquiri durante os estudos da pós-graduação, O livro para as infâncias: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação. E para pensar este meu livro, especificamente, tive forte influência das coisas que aprendi nas aulas do professor, artista, autor, ilustrador, pesquisador Odilon Moraes esmiuçando a imagem nos livros, mormente na obra dos artistas Ângela Lago e Maurice Sendak, que ainda ecoam em minha mente. Eu nunca havia pensado sobre a forma como segurar um livro impacta nossas leituras até que o professor nos evidenciasse isso ao nos apresentar o livro **Cenas de rua** (1994) de Angela Lago. Primeiramente aberto, de forma plana e depois aberto em um

ângulo mais fechado, como normalmente fazemos ao segurar um livro para lê-lo. A cena era de um menino que fazia malabares entre os carros. Mas ao mudar o ângulo do livro, segurando-o mais fechado, a cena se transforma em um menino sendo “esmagado” pelos carros e pela pobreza. Tudo ganhou mais peso na cena, a forma de ver foi intencionalmente modificada pela forma que a autora dispôs a imagem no livro; o menino desenhado no meio, na dobra do livro e os carros nas laterais das páginas.







Angela entendia a imagem no livro da forma mais ampla possível. Usando a própria forma do livro ela foi capaz de ampliar os sentidos da imagem, percebendo o livro como mais do que páginas em sequência e dando a ilustração função também mais ampla do que apenas acompanhar ou contradizer o texto de uma história.

A ilustração como linguagem e o livro como múltiplo suporte para sua arte, onde todas as suas partes (capa, contracapa,meio, borda, canto,..) são fontes inesgotáveis de criação. A saber, outra aprendizagem advinda das aulas com

o professor Odilon foi compreender que **Cena de rua** é um livro de imagens, um livro que não possui texto verbal para contar a história, apenas ilustração.

Sobre a qualidade de uma ilustração no livro infantil e juvenil, a própria Angela diz: “ um desenho que faça rir, ou sorrir, que pegue de surpresa, que arranque um *ah…* um desenho inesperado, um achado poético.” (Lago *apud* Oliveira, Ieda de, 2008, p. 173) Foi isso que me encantou em Angela Lago, a forma como ela compreendia, estudava e ampliava em suas obras, as relações da imagem com o texto sem fazer uma diferença exata entre estes:

> “Para Angela Lago, ilustradora e projetista gráfica premiada no Brasil e no exterior, desenhar é uma forma de escrever, pois o desenho fala e chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia do que arte plástica. Ela complementa o seu pensamento, valendo-se de Mário de Andrade, para quem os desenhos são para serem folheados, lidos como se fossem poesia, haicais, quadrinhas e sonetos. Todos - Angela, Quintana, Azevedo, Maria Antonieta e Mário de Andrade - apostam na validade da ilustração, como forma de escritura que se oferece ao interlocutor para a leitura” (Sorrenti, 2009, p 130)

Outra imagem, também apresentada a mim pela primeira vez, pelo professor Odilon, que ainda se faz clara em minha mente, foi o livro **Onde vivem os monstros** (1963) de Maurice Sendak. Durante sua leitura do livro, o professor nos mostra como o autor propositalmente aumenta e diminui no livro o espaço ocupado pelos textos e imagens da história de acordo com uma intenção específica. Nos fazendo ver, assim, o quanto essa estratégia na criação do livro amplia e potencializa aquilo que está sendo contado. O que o professor nos apresenta é uma análise do livro onde percebemos que conforme a história se desenrola e o protagonista, uma criança, um menino; vai se aproximando do “reino” da fantasia, da imaginação, a palavra vai “perdendo” espaço,no livro, para a imagem; até que toda a página seja dominada pela ilustração. Nesse ponto da história o mundo selvagem dos monstros domina tudo: o menino, a história e todo o espaço da página, em página dupla que se seguem por mais outras páginas duplas, onde não há qualquer texto em palavras, apenas o texto visual. Em determinado momento o menino é chamado a voltar à realidade e as imagens vão dando lugar novamente ao texto, e voltam a dividir espaço nas páginas. Ou seja, enquanto o menino está atrelado na história ao mundo real e ao mundo adulto, da razão, o domínio do texto se evidencia nas páginas e quando ele cede à fantasia e à sua condição de criança, as imagens vão

ganhando maior espaço até o domínio total da imagem e sumiço do texto verbal pelas páginas do livro.

Voltamos a ideia do início do meu texto, explícita de forma incrivelmente linda nessa construção do livro, através da camada palavra versus imagem, colocadas em local de oposição, expostas na lógica da dualidade muito comum em reger o mundo adulto (ou isto ou aquilo). Veja: a palavra associada à racionalidade, ao ser adulto e sua pretensiosa ideia de completude do conhecimento enquanto imagem é associada a algo da imaginação e por tanto da "incompletude" e da infância. O adulto e a palavra estão atrelados a razão e por isso a eles se dá mais importância enquanto à infância, a emoção e a imaginação dá-se menos valia em oposição. Irônica e sabiamente as páginas do livro de **Onde vivem os monstros** se tornam completas quanto à ocupação do espaço, justamente na imagem, no uso da ilustração que ao tomar toda a página do livro reivindica, assim, a completude e importância da imagem, da emoção e da infância. Tudo isso de uma vez, num "simples" ocupar de páginas. Não é brilhante?!

Nos livros, portanto, como os de Ângela Lago e Maurice Sendak aqui citados, esta dualidade entre texto e imagem, razão e emoção, adulto e criança quer se apresentar superada, novamente caminhamos para o lugar da multiplicidade. A inteligência e sutileza com que texto e imagem foram articulados por Sendak na forma de se contar essa história é algo incrivelmente poético, as palavras e as ilustrações a primeira vista foram pensadas e utilizadas pela lógica padrão dos adultos, escreve-se um texto e acrescenta-se imagens a ele, assim se conta uma história. Mas ao mesmo tempo essa lógica é questionada, exposta e subversivamente refeita através da disposição das imagens no livro e da presença ou ausência de textos nas páginas. A história contada se modifica, ou melhor, se amplia, pela forma de se contar a história no livro; de acordo com sua construção visual.

Em Angela Lago o próprio objeto livro também nos faz ver a imagem de outras formas, ela "brinca" com a posição das ilustrações. Em outros livros ela também manipula o texto, as páginas, a grafia das letras aliadas a ilustrações, imagens que "invadem" os textos, personagens que "passeiam" pelo livro no virar

de páginas, pura poesia, novamente. Ambos os autores usam diversos recursos que unem cada vez mais palavras e imagens numa articulação que extrapola o livro e reverbera na ampliação de sentidos tanto do texto quanto da imagem, sem que possamos pensar em um sem o outro. A ilustração destas obras nos faz ver um texto, uma narrativa ainda que não haja uma só palavra escrita na folha, seus textos nos fazem criar imagens múltiplas e o jogo entre ambos, palavra e imagem, enriquecem e ultrapassam aquilo que o livro quer contar. A forma como Angela e Maurice constroem suas histórias é, para mim, pura poesia, é uma forma de ver o mundo de um jeito que só eles puderam dizer, da forma como disseram, é a arte que me interessa e me inspira. Poderíamos muito bem dizer que na ordem dos conceitos que usamos para definir o mundo, estes livros são obras-primas e certamente não são apenas para as infâncias.

Ainda em tempo, é possível compreender melhor estas e outras questões sobre a imagem nos livros de Angela, Sendak e outros; na própria pesquisa de mestrado de Odilon: *Quando a Imagem Escreve. Reflexões Sobre o Livro Ilustrado* que aqui descrevi uma pequena parte, por minhas palavras, daquilo que absorvi de suas aulas e se fez importante para o meu próprio fazer artístico.

Nas mesmas aulas de Odilon também fui apresentada ao conceito de livro ilustrado sendo justamente esse lugar onde a imagem constrói a narrativa da história em pé de igualdade com o texto, na realidade através da relação entre ambos, incluindo-se aí também o design do livro como parte fundamental dessa forma de se contar uma história. Em suas palavras:

> No termo livro ilustrado o adjetivo não denota apenas uma qualidade do substantivo - a de conter ilustrações. Ele o transforma em outra coisa. Num livro ilustrado é preciso muita atenção às imagens e à maneira como elas se entrelaçam, não só com as palavras (se as houver), mas também com as outras imagens com as quais ela se relaciona, pois a unidade narrativa se dá com a contribuição de múltiplos elementos. Nele, a palavra altera o sentido das imagens, as imagens alteram o sentido das palavras e a unidade do todo é maior do que a soma dessas partes. (MORAES, 2019,pág 27)

E ainda:

> Portanto, o livro ilustrado seria, assim como entende a grande maioria dos estudiosos do tema a partir dos anos 1980, não simplesmente um objeto contendo palavras e imagens, mas uma maneira de ordená-las obtendo efeitos próprios de uma narrativa híbrida. Uma narrativa assentada em dois códigos diferentes. Forma híbrida que, além de constituir um território específico da linguagem, necessitaria também

> de uma postura diferente do leitor/espectador. (MORAES, 2019,,pág 23)

O livro ilustrado, portanto, é um ótimo lugar de pesquisa para a relação de imagens e palavras, e por onde estive de forma criteriosa. A partir daqui comecei uma intensa pesquisa sobre a imagem e a palavra, em diversas fontes nos livros dedicados às infâncias, especialmente nos livros ilustrados, a fim de me cercar do máximo de conhecimento que pudesse contribuir para a criação do meu livro. A ideia do livro já estava rascunhada, com algumas ilustrações iniciais que davam conta da ideia principal. Ter ideias, no meu caso, é algo, como já mencionado, que me acontece com facilidade. Entretanto, desta vez eu saí do processo intuitivo de criar que sempre me acompanhou para dar mais atenção ao processo de criação como uma forma de estudo e experimentação dos usos da palavra e da imagem no livro.

Vale dizer que eu já havia publicado um livro com texto e imagens autorais , na mesma época em que dava início aos estudos sobre a literatura para as infâncias. Todavia o livro em questão foi concebido da maneira tradicional, apenas pela vontade de criar e não como uma pesquisa; visto que não me era comum estudar o meu processo criativo e que eu não conhecia, até então, outra forma de pensar um livro que não fosse um texto sequencial, com começo, meio e fim; uma narrativa linear com ilustrações que acompanhassem aquilo que o texto dizia, a ilustração como uma tradução em imagens do texto.

Apesar de gostar muito da história que criei nesse formato tradicional e sentir orgulho de ter sido ela a responsável por tirar do papel meu sonho de ser escritora e ilustradora, eu gostaria agora de ser uma artista do livro na sua amplitude, experimentar-me numa criação que me afaste dos livros “aborrecidos”, sérios demais e que agradam aos amantes da razão.

> Em um velho livro todas as páginas são iguais. Ao escrever o texto, o escritor seguiu somente as leis sequenciais da linguagem… Um livro de 500 páginas, ou de 100 páginas, ou mesmo de 25, em que todas as páginas são iguais, é um livro aborrecido se considerado como livro, por mais emocionante que seja o conteúdo das palavras, do texto impresso nas páginas. (Carrión, pág 16-18)

Agora eu quero criar um livro que agrade aos amantes da imaginação. Quero aquilo que diz Ulisses Carrión, artista, poeta,editor, crítico de arte :

> Na velha arte o escritor não se julga responsável pelo livro. Ele escreve o texto. O resto é feito pelos empregados, artesãos, trabalhadores, os outros. Na nova arte, escrever um texto é somente o primeiro elo na corrente que vai do escritor ao leitor. Na nova arte o escritor assume a responsabilidade pelo processo inteiro. Na velha arte o escritor escreve textos, na nova arte o escritor faz livros. Fazer um livro é perceber sua sequência de espaço-tempo por meio da criação de uma sequência paralela de signos, sejam linguísticos ou não.(*Ibidem*, p. 14-15)

Quero ser uma criadora de livros nessa nova arte de fazer livros que pensa o livro como Carrión o define e descreve:

> A velha arte ignora a leitura. A nova arte cria condições específicas de leitura...A nova arte apela para a faculdade que todo homem possui de entender e criar signos e sistemas de signos.(*Ibidem*, p.67-68)

Isto que o artista Carrion escreve / diz fica ainda mais evidente e pulsante quando vemos *como* ele escreve /diz através do projeto gráfico usado no livro, criado pela contribuição de uma equipe de trabalhadores do livro. A poesia concreta em sua máxima expressão, o texto que se dispõe na página do livro de forma a produzir uma imagem pela sua própria ocupação espacial da página e não apenas da criação de imagens mentais que ler uma palavra nos gera. Ir além do signo, do significado, usar a plasticidade da letra, a visualidade do texto e do objeto livro. É desta imagem que me valho para criar meu projeto de conclusão de curso, a imagem que também é autora daquilo que se conta no livro. Uma imagem que quer brincar com a sua relação com o texto e com o objeto livro, uma imagem que quer brincar com sua estética e sua plasticidade adicionando múltiplos sentidos a história a ser contada.

O texto que me interessa é o texto poético que também “brinca” com os múltiplos caminhos do significado, com o objeto livro e com a plasticidade das letras. A palavra que me interessa é essa que também se amplia em sentido dentro do livro e que se funda como ferramenta para imaginação. Não à toa Carrión vai dizer que a poesia, especialmente a poesia concreta e a poesia visual, portanto arte, é o texto que melhor explora essa característica fundamental do livro como um espaço. Lembrando que o texto de Carrión não está falando de livro ilustrado nem para as infâncias, apesar de aqui nesta pesquisa, me “servir” com exatidão de sentido. Seu manifesto vai tratar de livros que possuem apenas o texto como forma de contar uma história, texto literário, sem usar a função de linguagem autora das ilustrações ainda que elas apareçam

de alguma forma na composição do livro ; por exemplo numa letra capitular, arabescos nas margens do livro ou ilustrações “perdidas” de parte da história em algumas páginas.

> A transcrição de prosa necessita de pouca coisa: pontuação, maiúsculas, várias margens, etc… a transcrição da poesia, uma linguagem mais elaborada usa signos menos comuns. A mera necessidade de criar os signos apropriados para a transcrição da linguagem poética chama a nossa atenção para este fato muito simples: escrever um poema no papel é um ato *diferente* de escrever na imaginação.(Carrión, pág 20)

Agora, então, para criar meu livro, eu quero a imagem que conheci em Angela Lago e Sendak.

Ou aquela que conheci em Edith Derdyk, quando diz “desenhar é conhecer, é apropriar-se…o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento” (Derdyk, pág. 28-29)

Quero o texto que “achei” em Carrión. Ou em Manoel de Barros, artistas que também conheci nas aulas da pós-graduação.

Quero o texto que revela nas palavras destes outros, por coincidência, se é que elas existem; como vejo o mundo ou como gosto de vê-lo. Quero o jeito de fazer desses artistas, quero esse jeito de ver. Não por plágio ou falta de ideias. Mas por admiração, inspiração, por interesses comuns ou vivências em comum. Esse é mais um dos grandes poderes da arte do qual me valho e tenho interesse: identificação. É também uma das muitas possibilidades, como já falamos, de mapear para que serve a Arte: para que nos reconheçamos um no outro e celebremos essa identificação.

Foi o que fez, por exemplo, o artista Gastón Hauviller, que também impactado por Maurice Sendak criou sua obra, **Quando você sai,** em 2024, com forte influência do mesmo. É possível ver no traço da ilustração e na forma como texto e imagem se dispõem no livro esta influência e homenagem de Gastón à obra **Onde vivem os monstros**, além do fato de ambos serem livros ilustrados. E para que não haja qualquer dúvida desta relação, você não lerá em nenhuma parte do livro **Quando você sai** que Gastón Hauviller usou a obra de Sendak como base, você só saberá se olhar…É pelas imagens que se

revelam,propositalmente, esta conexão. E não é algo a ser escondido, é uma homenagem evidente. A referência é dada às claras, à vista de todos, porque celebra justamente o olhar, o ato de olhar com cuidado e a forma como estes livros encaminham nosso jeito de olhar ampliando o que está sendo comunicado. Basta que se olhe um livro e outro, lado a lado, ou que você conheça a obra de Sendak e já tenha folheado e olhado bem as páginas de **Onde vivem os monstros**, para reconhecer de imediato as semelhanças de um e outro.

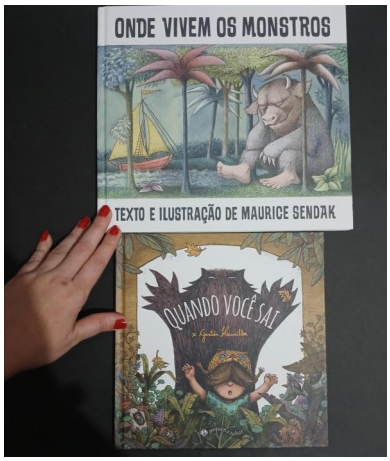
Já para notar também as diferenças e desfrutar de ambas é preciso de algo que se pede em todo livro ilustrado, e também em toda arte, olhar com mais atenção.

O livro de Gastón usa, por exemplo, a imagem que ora ocupa parte da página, junto com texto e ora se expande dominando páginas duplas de pura ilustração como em Sendak. O jeito de fazer é o mesmo, mas a história de **Quando você sai** é outra, e nela há certamente originalidade, ainda que possamos identificar mecanismos que Sendak criou em **Onde vivem os monstros**. Ali, em algumas páginas do livro de Gastón você verá que os personagens são outros, mesmo sendo uma mãe e um filho. Há mundos imaginários, perigos, monstros, transformações e colo, mas não os mesmos. Há em ambos o dito e o não dito pelas palavras que se faz dito pelas imagens. Há, também nos dois livros, o intercâmbio entre real e imaginário feito pela criança. Mas há também, parte da história apresentada por Gastón de uma forma que não acontece no livro de Sendak: parte das ilustrações diagramadas em quadrados, que podem ser lidos como uma remontagem dos quadros a quadros de uma HQ, por exemplo, numa metalinguagem sobre esta arte que também usa a relação entre imagens e palavras para se contar uma história tanto quanto pode ser a visão da janela apresentada como elemento crucial no enredo em questão. A história se passa dentro e fora de uma casa apresentada logo na primeira página. O leitor é convidado a ver parte da história em pequenas partes, como quem espia uma realidade pelo lado de fora, somos lembrados enquanto leitor que estamos do lado de fora, no real, quando as imagens aparecem em quadrados com certa ordem, calma e organização enquanto somos “engolidos” para dentro da história, e do mundo imaginário, quando as imagens tomam conta de toda página em cenas de extrema bagunça, movimento e caos. Se você olhar

com um pouquinho mais de atenção vai ver que a casa que aparece lá no início da história de Gastón possui cor e formato semelhantes ao pijama do protagonista de Sendak. Nas janelas de outras casas do bairro você vê sutis silhuetas de diferentes seres, animais, ou seriam monstros? E mais um monte de outras coisas que eu espero e indico que você mesmo possa ir até lá e ver por si mesmo tudo o que quiser ou tiver que ver.

Mas para que não passe despercebido, justamente em um destes quadros, ou quadrados, ou vidros de uma janela, cheios de coisas para ver e assimilar daquilo que está sendo apresentado pelo autor, lá, quase no fim da história, vê-se os personagens do livro de **Quando ela sai** lendo o livro **Onde vivem os monstros** de Sendak.

A janela novamente deu pra ver o mar de ideias que a imaginação é capaz de criar, sem dizer uma só palavra, sabemos ao ler **Quando ela sai**, ou ao espiar pela janela, que a arte de Sendak e **Onde vivem os monstros** guiou os caminhos do processo criativo de Gastón.











Encontrar sua voz nas vozes de outros artistas é algo extremamente comum, mas penso que somente os mais atentos e dedicados conseguem celebrar isso de forma tão tocante como o exemplo acima.

Manoel de Barros, por exemplo, foi outro que disse, sem saber, por mim inúmeras vezes:

> “Repetir repetir - até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo…
>
> As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças (p.300)
>
> Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos - O verbo tem que pegar delírio. (p. 301)
>
> Poesia é voar fora da asa (p 302)
>
> O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.Passou um homem depois e disse:Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada.
>
> Acho que o nome empobreceu a imagem. (p 303)
>
> O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora(p 327)
>
> Nasci pra admirar o à toa.O em vão. O inútil. Pertenço de fazer imagens. Opero por semelhanças. (p 340)
>
> É no ínfimo que eu vejo a exuberância. (p 341)
>
> O que eu não sei fazer desmancho em frases. (p 343)
>
> As palavras me escondem sem cuidado.
>
> Aonde eu não estou as palavras me acham. (p 347)
>
> Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria. (p 348)
>
> o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo. (p 350)
Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.
Sou leso em tratagens com máquina.
Tenho desapetite para inventar coisas prestáveis.
Em toda a minha vida só engenhei 3 máquinas
Como sejam:
Uma pequena manivela para pegar no sono
Um fazedor de amanhecer para usamentos de poetas
E um platinado de mandioca para o fordeco de meu irmão… (p. 474)"

Depois de conhecer sua obra, também em uma aula da pós fiquei completamente obcecada em consumir seus escritos porque tudo que eu lia de seus poemas ou de suas entrevistas parecia traduzir sem retirar qualquer ponto ou vírgula o que eu gostaria de dizer sobre mim, sobre minha vida e sobre a Arte. Manoel nos responde em toda sua obra para que serve a Arte e penso dele ser a melhor e mais completa resposta que se poderia dar a esta pergunta, a mesma que o livro de Afonso Cruz nos deu em **Vamos comprar um poeta**, a Arte existe pra nada mesmo, e esse é o seu poder, ela prescinde de serventia para existir, ela apenas existe. Nasce porque tem que nascer, a Arte nasce porque alguém assim desejou, quis e fez.É assim que um livro nasce,portanto, de um querer pessoal, do artista que assim quis. Possivelmente haja outras respostas que nos mostram de onde vem os livros, como eles nascem; como, por exemplo, os livros que nascem de uma demanda mercadológica, ou de uma sugestão do editor ou por qualquer outra motivação. No entanto, é a resposta que vem a partir do desejo de criar com a que mais me identifico e penso ter mais valor, pois a ela podemos atrelar sem prejuízo de sentido a feliz inutilidade da arte. Manoel celebra a inutilidade da poesia e a exalta justamente por essa característica, a poesia por não servir a nenhum propósito é alçada à grandeza de ser fim em si mesma, sua existência, assim, não precisa de justificativa, o que coloca também o próprio poeta como esse ser "elevado" que produz coisas sem valor de comércio ou poder, o valor do poeta está em criar a poesia que importa para ele e/ou para quem também tiver olhos para a poesia. No entanto, cabe ressaltar, que nessa ideia da Arte que produz o inútil essencial à vida humana o artista não

é um ser iluminado por poderes divinos inexplicáveis e detentor de um dom especial, o artista é também um “inútil”, mas um “grande inútil”, dos mais importantes pois sabe-se inútil. Segue consciente e a serviço dessa inutileza toda, alguém atento a ordem da observação, da criatividade, da emoção, alguém atento ao mundo a sua volta.

Também quero ser *fazedora de inutilezas necessárias*. Poesia.Arte.

Sendo *Inutilezas necessárias* coisa do idioleto manoelês que assumi como meu também “(...dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e as moscas)” (Barros, 1996, p 338) e que em língua portuguesa traduz-se mesmo por Poesia e/ou Arte.

Quero a imagem e a palavra em articulação profunda, artística e complexa com o livro e o leitor.

Quero aumentar o coro daqueles que vivem da fantasia.

Quero inspirar como outros me inspiraram e me inspiram.

Quero criar mundos.

Quero a “magia” que conheci no livro ilustrado. Na poesia. Na imaginação. Na criação. Na invenção. Na fantasia. Na palavra. Na imagem. No signo. Na Arte.

Capítulo 3

Do processo criativo ao livro

Escolhido aquilo que quero falar e como quero falar, partimos para próxima etapa de como fazer nascer um livro, um novo livro, meu novo livro.

O que antes acontecia de forma intuitiva, a partir apenas do meu desejo de criar passou a ser pensado teoricamente como um projeto de pesquisa. Com o estudo sobre o livro para as infâncias iniciado nesta pós graduação eu pude perceber minuciosamente quantos profissionais diferentes (autor, ilustrador, editor, revisor, designer gráfico) se envolvem neste fazer e principalmente como o artista do livro contemporâneo, e o tipo de gente com o qual me identifico por

hora, quer fazer parte dos variados processos e etapas de construção do livro, muitas vezes ele mesmo fazendo as vezes destes variados profissionais. Eu nunca havia pensado em parar para organizar e analisar minhas criações, elas apenas aconteciam, de mim para o mundo. Com este novo olhar sobre o livro, passei a pensar no como, no porquê e para quem criar. O ato criativo foi descentralizado.

A propósito, responder a uma outra pergunta como criadora de livros me fez tremer outras tantas vezes, tal qual a pergunta: o que você quer ser quando crescer ? ou quem é você, afinal ? A tal pergunta fala exatamente do público alvo da leitura com o objetivo de saber se seu livro é para adultos ou para crianças e sendo para crianças você ainda precisa definir para qual idade é melhor indicada. Estou convencida de que os melhores livros que li não são para uma idade específica e alguns dos meus livros favoritos e mais emocionantes carregam o título de livro infantil ou infanto-juvenil. Acredito que um livro seja destinado para quem tiver curiosidade, tempo e interesse, independente de idade.

Como outras artes, a animação por exemplo, a depender de sua idade e por conseguinte sua bagagem cultural, você perceberá a obra de uma forma diferente mas isso não quer dizer, em qualquer hipótese, que alguém com mais idade deva considerar que melhor compreende uma obra apenas por isso; até porque “entender” uma obra não é necessariamente o cerne da questão. Sentir é. E para sentir basta estar atento e disponível, tenha você 8 ou 80 anos.

Então quando me perguntam para que idade é este livro penso ser uma boa resposta – Este livro é para crianças interiores. Infelizmente não categorizaram esta criança de forma concreta logo, eu acabo respondendo: – para todas as idades, que em suma, significa o mesmo.

Ah, mesmo para um bebê, ou uma criança bem novinha que nem mesmo aprendeu a ler? Eles vão entender a história??? Mas eles não vão sentir, manipular, olhar, rasgar, rabiscar, jogar longe, levar a boca, virar de ponta cabeça, abraçar, beijar, levar pra dormir, inventar, memorizar, olhar outra vez… E isso não é tão valioso quanto “entender” ???? Ou isso também não é entender???

É preciso pensar aqui que o signo em si é o que menos importa, a experiência como leitor importa mais, assim como quando assisti a um filme legendado sem saber ler mas desfrutei do filme por meio da linguagem visual, das cenas, do ambiente, do som, das músicas, das expressões faciais dos atores; da experiência de ir ao cinema. O livro que desejo criar vai além do signo, penso agora na experiência total e ampla de ler um livro, que pode ser também manusear o livro, ler as imagens, ler a forma do livro, ler a forma do texto, ler as cores do livro, ler o tamanho, ler o texto, e mais do que tudo experimentar, experienciar o livro, independente de ser uma criança letrada ou um adulto. Nos livros "aborrecidos" de Carrión, o livro tradicional, entende-se que "para ler a velha arte basta conhecer o alfabeto" (Carrión,p.61) mas no livro contemporâneo que estamos tratando, menos importa ser versado amplamente quanto às palavras pois estas, portanto, não são o aspecto único que validarão uma boa leitura, são apenas uma parte. E há ainda que se perguntar o que é uma "boa leitura" ? Definitivamente não é identificar os signos e ler fluentemente as palavras, mas sim apreciar o livro como uma obra de arte cheia de camadas a ser desfrutada, decomposta e recriada pelo leitor.

Certamente existem temáticas e abordagens que fazem parte exclusivamente do universo adulto, mas não é disso que se trata aqui. Estou tratando efetivamente da inquietação de uma criadora de livros que às vezes se vê confrontada com a incumbência de definir para quem está criando. Provavelmente, um livro sobre investimentos na bolsa de valores pouco ou nada interessará a uma criança em idade pré escolar, e a mim adulta tão pouco interessa também, o leitor tem esse direito de escolher o que quer ler, ou deveria tê-lo. Essa é uma parte importantíssima da magia de ser um leitor, brilhantemente organizada por Daniel Pennac no livro **Como um romance** (1992), através dos Direitos imprescritíveis do leitor:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível)
7. O direito de ler em qualquer lugar.

8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar.

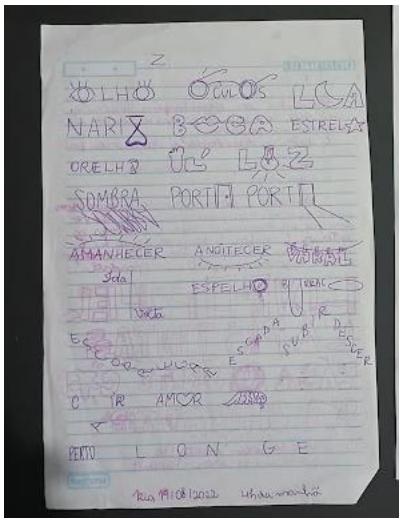
Estas “leis” muito me ajudaram na minha pesquisa além de toda leitura da obra em si, que fala sobre a árdua tarefa de fazer uma criança ter gosto pela leitura, caso você encare justamente “aprender a gostar de ler” apenas como isso: uma tarefa. Quando penso em fazer nascer meu livro é também pensando em como fazer meu livro ser atraente aos olhos do leitor, não para cumprir uma característica superficial a fim de me gerar venda e lucratividade, apesar disso também ser importante em alguma medida. Mas pensando em transmitir e perpetuar meu amor pela leitura e pela arte através da obra que estou colocando no mundo. Tanto que quando estou criando, ou melhor, normalmente quando finalizo uma história e a releio penso algo como: “acho que outras pessoas podem gostar disso, e espero que gostem”. E se não penso assim, acabo por guardar a ideia só comigo. Gosto tanto de ler e inventar que as ideias saltam de mim e algumas delas eu penso que podem alegrar outras pessoas o mesmo tanto que me alegram quando surgem em minha mente. Desse jeito, faço uso sempre que posso e quase sem perceber da função da arte de expressar e compartilhar como vejo o mundo, através da criação. E ver uma criação sua, um livro, atingir outras pessoas de infinitas formas que você como autor nem mesmo foi capaz de imaginar é uma das grandes alegrias de se fazer nascer um livro, disso tenho certeza.

Além disso, é de extrema valia que nos permitamos enquanto adultos ler livros classificados como “para crianças” seja para perceber sutilezas e nuances que apenas com a bagagem adulta somos capazes de atingir suas camadas de entendimento, seja pelo retorno a memórias de histórias de sua infância, seja para indicar a leitura as crianças de seu convívio ou seja apenas pelo deleite. Ou tudo ao mesmo tempo. Ler é sempre um bom caminho a percorrer. Principalmente para quem também deseja criar suas histórias.

Todavia, pensando no meu processo criativo, quando estou criando uma história esta questão sobre para quem estou escrevendo nem passa pela mente, em verdade quase sempre eu crio porque a vontade me foi maior que tudo. Só depois penso se quero mostrar o que eu criei para alguém e de fato, essa

exposição só rompeu a vergonha mais facilmente por agora, aos 38 anos, depois de me apropriar definitivamente do ser artista. E para se publicar um livro, veja bem, precisamos estar dentro de certas normas como a criação de um registro numérico que trará as informações do livro e em meio a estas, para quem o livro foi criado. Como o mundo dos artistas, das crianças e o meu mundo particular, se conectam em muitos níveis; meu primeiro livro publicado, este que descreverei adiante e muitos outros que tenho em mente são e serão classificados como para às infâncias, mesmo eu querendo dizer que minha criação é, na realidade, para todos ou para “crianças interiores”.

Entre as muitas histórias que ainda guardo só comigo, na minha mente ou nas minhas gavetas, este meu novo livro já o tinha embrionário em papel e só precisei organizá-lo pensando em tudo isso que vinha estudando. Decidir por essa história foi bem espontâneo, apenas pensei que teria algo que se encaixava muito bem na ideia de brincar com texto, ilustração e objeto livro.



Meu processo criativo, como bem mencionado ainda há pouco, acontece, em geral, de forma muito natural, intuitiva e sem grandes rituais. Muitas vezes as ideias me vem já completas e eu preciso correr para pegar um papel e anotá-las. Outras vezes me vem em partes e eu anoto em qualquer lugar, ou no caderno de ideias escolhido específicamente para isso, e as guardo numa caixa com outras ideias para que depois volte a elas e as faça acontecer de alguma forma. No caso deste livro resgatei uma brincadeira que eu ensinei algumas vezes aos meus alunos que consiste em desenhar uma palavra transformando , de algum jeito, sua forma plástica na aparência do que a própria palavra significa. Por exemplo, ao escrever a palavra ***óculos***, usar as duas letras ***O*** como parte de um desenho do objeto óculos, e assim; ao acrescentar novos traços ao desenho da palavra óculos, as letras ***O*** tornam-se lentes. É preciso que se diga que não inventei, infelizmente, esta atividade, e só me recordo vagamente de onde a encontrei a primeira vez, ainda adolescente, nos primórdios da internet, li em um blog uma poesia que fazia tal brincadeira.

Lamentavelmente não consegui reencontrar esta fonte mas guardei a ideia e a reinvento, sempre que posso, desde o meu primeiro ano como professora. Peguei então algumas folhas e fui "*escrevinhando*" ou "*desencrevendo*" (do meu próprio idioleto: escrever e desenhar ou desenhar e escrever, ao mesmo tempo) diversas palavras que me vinham à mente. Depois pensei no título da a história como "É desenho ou palavra?", mas o mantive como provisório. Enquanto ia criando as ilustrações de palavras de forma aleatória não pensava numa conexão exata entre estas, apesar de algumas poderem ser classificadas como pertencentes a uma mesma categoria (comidas, materiais de arte, natureza,..) e também não pensei na ordem que as colocaria no livro. Apenas fui registrando as ideias e guardei-as mais uma vez.

Continuei a consumir muitas leituras, além dos livros para as infâncias, alguns muitos livros também com a temática criatividade, escrita, ilustração, poesia, poesia concreta, literatura para às infâncias, livro ilustrado, vidas de artistas e processos criativos, certamente .

Fosse na minha pequena biblioteca, em casa ou na sala de leitura da escola onde trabalho. Fui pesquisando, comprando e pegando emprestado estes livros e absorvendo suas leituras. A cada livro que terminava de ler mais ideias me vinham à mente, minha "gaveta" de ideias felizmente começou a transbordar muito além de ideias não só para este livro mas também para muitos outros. Todo tempo livre que tinha em casa com meus livros e na escola onde trabalho ia buscar por novos livros e acabei encontrando preciosidades que me alimentaram ainda mais, tal como as ideias antropofágicas modernistas, fui devorando o que podia para transformar em algo meu. Apenas para citar alguns: ***O prazer de ler*** de Heloísa Seixas, ***Literatura infantil brasileira*** de Marisa Lajolo e Regina Zilberman; ***Como um romance*** de Daniel Pennac; ***Pelos jardins Boboli*** de Rui de Oliveira; ***A imagem nos livros infantis*** de Graça Ramos; ***Palavra e imagem*** de Ivete Lara Camargos Walty/ Maria Nazareth Soares Fonseca/ Maria Zilda Ferreira Cury; ***Poesia para crianças*** de Leo Cunha, ***Pense como um artista*** e ***Como os artistas veem o mundo*** de Will

Gompertz, **A utopia da palavra** de Severino Antônio, alguns já até citados em trechos por aqui antes, e muitos, muitos outros.

A cada nova leitura e pesquisa por livros minha lista de novas aquisições também seguia aumentando, e ainda segue. Ao ler muitos destes livros, retomei, também, um velho hábito de me demorar por horas nas páginas de bibliografia da minha última leitura, com atenção minuciosa para saber se eu possuía algum daqueles títulos, se já havia lido algum e principalmente quais me renderiam mais pesquisas na internet e um novo aumento na lista de desejos para novas leituras a adquirir. Também me "nutri", é claro, de muitos livros direcionados às infâncias que de alguma forma falassem sobre imagem e palavra, onde o desenho das letras era parte importante da história, fundindo as linguagens verbal e visual, tais como: ***Alfabeto escalafobético*** de Claudio Fragata e Raquel Matsushita, ***O que dizem as palavras*** de Nani; ***ABC doido*** de Angela Lago, a **Coleção ABZ** do Ziraldo, **Poesia visual** de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski.

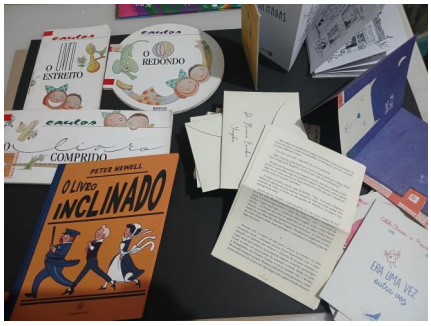
O objeto livro também foi um dos interesses desse estágio da minha pesquisa e acabei por recolher e folhear atentamente livros que possuíam formatos criativos, para além do tradicional códex. Livros como: **O livro estreito**, **o livro comprido** e **o livro redondo**, todos do autor Caulos, que brincam com ilustrações que "cabem" na forma estreita, alongada e redonda do livro. O livro **Fachadas** do quadrinista Rafael Sica que se abre numa sanfona e brinca com as variadas possibilidades do virar de páginas do objeto livro, onde de um lado vê-se uma rua de casas, sendo uma fachada de casa por página e do outro lado do livro uma "coleção" de imagens únicas e isoladas ao centro da página que dialogam de alguma forma com a ilustração da página oposta. O livro de poesia concreta **Poemóbiles** (1974), dos artistas Augusto de Campos e Julio Plaza onde cada página do livro são na verdade, objetos de arte, cartões que ao serem abertos apresentam por meio de diferentes dobras, cores e letras, o texto da poesia, parte impressa no papel e parte projetada no espaço através da dobradura do papel, fazendo a experiência do leitor virar uma grande e deliciosa brincadeira de movimentar as páginas e descobrir seus muitos ângulos, significados e sentidos. O livro **Universo, o passarinho**, das autoras Vana Campos (texto) e Vanina (ilustração) que se abre numa espécie de folder e

depois se amplia para um cartaz onde a história é lida de forma diferente a cada vez que se abre mais uma dobra do livro mudando completamente a dinâmica da leitura ao abrir estas partes. O livro **Queria ter ficado mais**, publicado pela editora Lote 42 onde cada capítulo da história foi escrito por uma autora e acondicionado em envelopes como cartas destinadas a um só destinatário : o leitor.

A lista de livros seguiu por muitas outras obras. São incontáveis os aprendizados nesse processo de encontros e reencontros com os livros.Como quando me recordei da primeira vez que vi o livro **Onda** (2008) de Suzy Lee, sem saber nada da autora ou sobre livro ilustrado e apenas pensei “uau, queria ter escrito este livro”, um livro que só tem imagens, de fato. Muito tempo depois fui conhecer suas outras obras e o vi diferente e ainda mais complexo quando o revi na aula do professor Odilon Moraes que em sua apresentação do livro me fez ver além. Entendi através de sua explanação da história que a dobra do livro era como uma barreira, uma espécie de portal, por onde as ilustrações de um lado e de outro não se tocavam até que se chegue quase ao final do livro quando a onda se “atreve” a avançar em direção a menina que a afronta com um dar de língua muito invocado e divertido. Com o retorno da menina molhada pela água para o lado esquerdo do livro, e o avanço da onda em seguida, as páginas do lado esquerdo do livro, também ganham o azul do mar antes encontrado só nas páginas da direita do livro. Com o portal desfeito na dobra do livro através do avanço do mar, a cor azul do mar também passa a aparecer em outros elementos da história, como o céu e a roupa da menina até que domine tudo. Não pude perceber nada disso a primeira vez que vi. Mas vi o mar, isso também conta muito, é claro, o fato de agora possuir ferramentas que me direcionam o olhar para um entendimento diferente do livro não invalida minhas outras impressões da obra de quando o vi sem ter estes conhecimentos. É apenas um outro olhar. Afinal, Manoel de Barros nos ensina que : “quem não tem ferramenta de pensar, inventa”.

Outra coisa que pude notar com o olhar de quem pesquisa foi como o formato comprido do livro também contribui para que o virar de páginas nos faça ver uma onda, aliás a onda, como diz o título do livro.

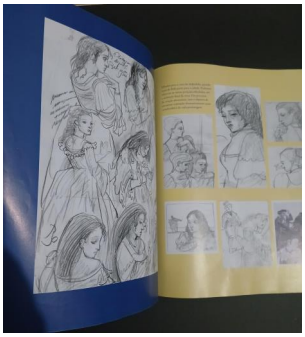
Revisitei alguns dos meus livros da infância e vi as palavras e imagens deles, e toda a sua poesia me saltar aos olhos, com outros olhos. Com olhos de quem investiga a construção criativa do livro. Comecei a tentar lembrar dos livros que li e visitei a casa de minha mãe onde muitos destes livros ainda vivem. Livros como **Lúcia já vou indo,** (1976) de Maria Heloísa Penteado, onde notei com novo olhar parte do texto da história escrito nas páginas ilustradas em diferentes direções. Os livros com apenas imagens que me habitavam a memória e fui atrás também das autoras Sylvia Orthof e Eva Furnari que para mim eram antes a **Fada cisco quase nada** (1992) com quem me lembro de passar horas a olhar tudo; pouco me lembrava do texto dentro do livro, mas a brincadeira de palavras do título e cada ínfimo detalhe da morada da pequenina fada jamais esqueci. Durante esse tempo de pesquisa só fiz aumentar meu interesse por livros para a infância, depois de descobrir e redescobrir muitas obras e poderia citar, novamente, mais uma centena de livros incríveis, como os **Classificados poéticos** (1984) de Roseana Murray, **O muro no meio do meu livro** (2018) de Jon Ageen, **Ou isto ou aquilo** (1964) de Cecília Meirelles, **Lobo mau com dor de dente** (2024) de Daniel Kondo, e tantos outros. Foi um encanto a cada nova leitura e releitura. Como não se surpreender com os livros **Ida e Volta** (1976) e **Emoções** (2001) de Juarez Machado, onde no primeiro o livro, Ida e Volta, começa sua história já na capa e termina na quarta capa, num ciclo infinito de imagens; rastro do personagem principal que só conhecemos por sua pegadas e no segundo, Emoções, as pegadas reaparecem e dão o tom da história, igualmente como no primeiro, a cada virar de páginas as pegadas ganham a visualidade da cena anterior, vemos seu trajeto pelo rastro das pegadas, seguimos sua rotina até que o rastro das pegadas se torne o rastro de uma moto e a história termine na contracapa com a revelação dos personagens sentados na moto indo embora; mas apenas o carona da moto nos encara, a personagem principal do livro vemos somente uma pequena parte da silhueta, apenas o mesmo rastro. Ou como não amar a poesia de Manoel de Barros ilustrada por Ziraldo no livro **O fazedor de amanhecer,** na edição de 2001 pela editora Salamandra. Há quem consiga passar ileso por **Flicts** (1969)**,** também de Ziraldo, e sua luta para encontrar o seu lugar no mundo?



















Ler estes livros, fosse na infância ou agora, muito contribuiu e contribui para meu processo criativo.

E dos muitos livros teóricos sobre literatura que também fui diversas vezes a seus encontros e reencontros, destaco mais um, este que fui buscar lá no meu passado pois eu me lembrava vividamente de tê-lo adorado. Minha memória me fez procurar um livro na minha estante que havia lido na adolescência, quando era normalista. Sua leitura fazia parte da grade curricular da disciplina Literatura Infantil, e eu me recordava bem das ilustrações próprias do livro, das várias imagens de partes dos livros de literatura infantil que iam sendo citados e especialmente me lembrava da sensação de ter lido aquele livro não como uma tarefa escolar mas sim com grande empolgação por conta da

forma divertida, aconchegante, irônica e pessoal com que a autora, Fanny Abramovich escreveu **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. Com este título não havia como este ser um “simples” livro teórico não acha?! Não me pareceu de jeito algum um livro aborrecido, foi pra mim uma boa e longa conversa guardada com carinho e para minha grata surpresa ao relê-lo agora, Angela Lago, Edith Derdyk e Juarez Machado são citados nele apesar de infelizmente eu não lembrar até então, que já havíamos nos encontrado. Há certas memórias que precisam ser reativadas, às vezes, não é mesmo?!

Foi uma intensa caçada a tesouros que me fez amar ainda mais a leitura, os livros, as palavras, as imagens, a arte, a poesia e, com toda certeza, meu processo criativo. Sinto que sei mais de livros do que qualquer outra coisa e mesmo assim sei que ainda conheço muito pouco, talvez não haja como fugir da sabedoria socrática, de fato.

Sigo para finalizar este trabalho e meu livro.

E na jornada de escrever este trabalho, “assumi” mais um predicado a acrescentar em quem eu sou :

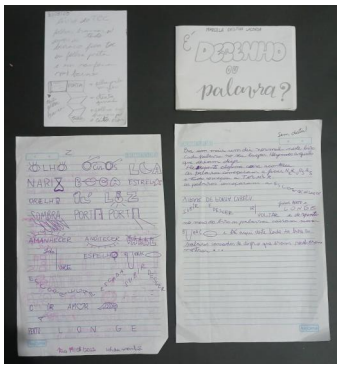
Sou também pesquisadora.

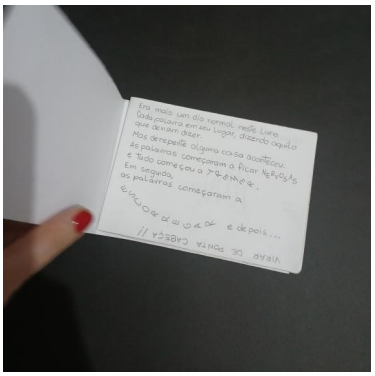
Um título e tanto para alguém que demorou quase a vida inteira para se reconhecer artista. Ainda com os pés trêmulos piso nesse chão da pesquisa, sinto-me tímida de carregá-lo mas aceito com extrema alegria mais esta “função” do ser adulto que me tornei. No entanto, que fique registrado, acredito que estou mais para aquelas crianças que desmontam e remontam brinquedos e perguntam mil porquês por aí para descobrir como as coisas se dão. “Aprender é muito divertido. Cada objeto a ser aprendido é um brinquedo.Pensar é brincar com as coisas. Brincar é coisa séria.”(Alves, 2023, p. 80) e “A inteligência gosta de brincar. Brincando ela salta e fica mais inteligente ainda.” (Alves, 2023, p. 117) Foi o que disse o escritor, psicanalista, teólogo, filósofo, professor e pastor presbiteriano, Rubem Alves, eu só fiz concordar. Logo, acredito que o modo investigativo das crianças me caiba com mais facilidade e penso veementemente que aquilo, ou isto, que eu faço mesmo, é brincar.

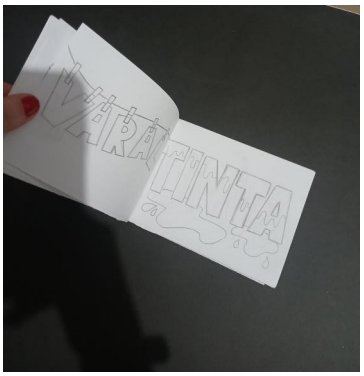
Sylvia Orthof, que citei ainda há pouco e era também uma artista do livro, deixou registrado essa proximidade do brincar da infância com o processo de criar um livro. Em algumas de suas obras ao invés de ter nomeada sua autoria como criadora do texto e das imagens, autora e ilustradora, lia-se “escreveu e rabiscou”, assim como os artistas e as crianças fazem: rabiscam e criam.

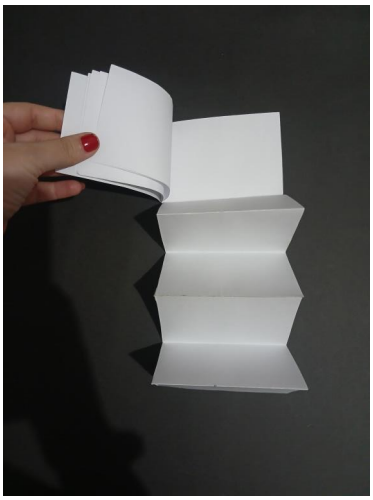
Já os profissionais do livro devem pensar o mesmo, brincar e criar livros tem tudo a ver, visto que o protótipo que se faz de um livro, no formato que você imagina que ele deverá ter ao ser publicado, dá-se o nome de “boneco”. Pois bem, juntei umas folhas, dobrei, colei, rabisquei e pronto.. deu-se meu primeiro , e também um segundo, boneco do meu livro. Fui brincar com as possibilidades de organização das páginas com seus tamanhos, cores, formatos, direções, imagens e palavras.

O foco passou a ser, portanto, ir final e objetivamente da teoria à prática para criação do livro.



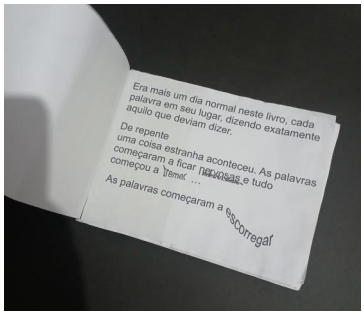






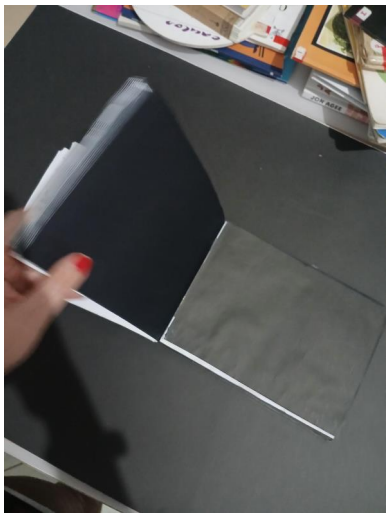












Considerações finais

Como em quase todo processo criativo nada é tão simples como minhas palavras o fazem parecer agora. Não que haja uma intenção de mascarar as dificuldades do meu processo criativo mas por atitude pessoal diante da vida, tendo a encarar as coisas de forma muito positiva e empolgada especialmente ao se tratar de Arte e desse momento tão caro para mim, que é o ato de criar. Sem perceber acabo dando pouca atenção às dificuldades com as quais me deparo. Certamente enfrentei muitos problemas ao longo desse processo e esta falta de intimidade com as desventuras da vida é com certeza um deles.

Gostaria de dizer que este processo levou pouco tempo de uma fase à outra, do planejamento à criação do livro e ao texto que aqui escrevo. Em verdade esse processo já dura alguns anos devido a um conturbado período em relação a minha saúde mental e de uma reestruturação emocional e financeira que passei e ainda enfrento, em certa medida. Entre os estudos da pós passei também por "estudos" sobre mim, na linguagem adulta racional: terapia. E nesse processo também me descobri e redescobri inúmeras vezes. Sei que ultrapassar certos limites tornaria este texto um diário, uma confissão, pessoal demais para o que se espera de um texto acadêmico, já adianto minhas desculpas por chegarmos nesse limite aqui. No entanto, é de extrema conexão com o que venho dizendo que eu abro caminho para estas intimidades sobre a pessoa que aqui escreve. Peço licença aos mais apegados a teorias e conceitos para abrir um pequeno

desvio, mais íntimo, porém importante. Durante meu processo criativo estive em intenso processo terapêutico que identificou em mim um padrão de comportamento com extrema rigidez para desafios e mudanças; e forte tendência à procrastinação em relação a assuntos que dependiam só de mim para se concretizar, especialmente assuntos que me deixariam exposta/ vulnerável de alguma forma. Como por exemplo, expor uma criação minha, defendê-la e submeter-me a avaliações, ou seja apresentar um TCC. De forma inconsciente internalizei e acabei por executar de forma quase que natural, um comportamento que sabota minhas conquistas por medo de errar e/ou ser julgada. O medo paralisa e sair desse estado é extremamente complicado, a mente humana sabe bem como nos aprisionar. Eu por exemplo, passei anos me definindo como uma pessoa extremamente tímida, anti-social, medrosa, pouco confiante, apegada a zona de conforto e evitativa. Fui me blindando de algumas frustrações pelo medo delas acontecerem mas ainda assim elas aconteceram, é claro. Usei as definições sobre mim como escudos para o medo, mas estas certezas absolutas acabaram por me criar muitos outros problemas e não calaram o medo. Muitas vezes evitei conflitos e desafios, deixei de emitir opinião, não me expus, não errei mas também não acertei, perdi prazos e oportunidades e infelizmente não foi a primeira vez. Por muito tempo me limitei nestas opiniões sobre mim e enquanto minha mente repetia insistentemente " não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo",[12] fui perdendo o controle sobre isso, me afastando cada vez mais de finalizar este trabalho, de ser quem sou e de criar.

Todavia, era o meu olhar sobre mim que estava errado e que eu sigo aprendendo a não o cristalizar. Parece que eu também sou, às vezes, um adulto "ou isto ou aquilo", ou eu bem escrevo um TCC e me exponho ou eu bem procrastino e não preciso me expor. E bem, se sou um adulto que precisa de conceitos e definições claras para existir em alguns momentos, e se é para se estar preso em definições e limites que seja numa poesia de Cecília. Decido ser um adulto ou isto ou aquilo só com ela, quando leio suas palavras. No mundo real estou imbuída, depois de tanta teoria, pela força do fazer. Criar e tornar real.É possível

[12] Penúltima estrofe da poesia Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles.

que eu ainda seja tímida e medrosa, em alguma medida, mas ao menos sei que tenho o poder de mudar isso caso eu decida me expor.

Novamente em meu caminho a Arte me salva, e finalizar esse TCC é uma forma de dizer a mim mesma que eu consigo enfrentar os meus medos e sair deles melhor e mais forte.

Afinal também não é para isso que lemos, desenhamos e criamos. É para evoluir e nos entender como pessoas. Marcar sua existência e enchê-la de sentido. Chegamos aqui, mais uma vez, a mais uma das muitas possibilidades de resposta para a famigerada pergunta “para que serve a Arte?”

O que digo, volto a afirmar, é um “desvio” propositalmente aqui registrado, pois foi a forma que encontrei para mostrar uma parte, a mais complicada do meu processo criativo.

Não quer ser uma justificativa ou tentativa de sensibilização vazia. Talvez superficialmente você reconheça algo do que eu disse como palavras de um livro de autoajuda, porque falar de terapia, medos, salvamentos e ser quem se é num trabalho acadêmico? Deveríamos estar falando disso? E por falar em categorias, livros de autoajuda não tem lugar menor na literatura para muitas pessoas assim como a infância, a Arte ou tornar as coisas, e textos pessoais demais ? Curioso, de novo , não é?!

No entanto, meu texto precisa destes relatos pessoais e das reflexões existenciais pois estes meus “desvios” no assunto livro e criação de um livro são parte da minha trajetória, é a forma como meu caminho para escrever meu TCC e criar meu livro se desenhou até aqui e por isso reivindico tais registros.

Ao longo desta minha escrita citei diversos livros que me ajudaram em diferentes sentidos e se fiz parecer que de certa forma todo livro possa ser de autoajuda, fiquemos então com o melhor sentido dos livros de autoajuda pois talvez essa seja mais uma resposta ao porquê da Arte existir, ela existe para salvar. Affonso Cruz também fala sobre isso no trecho a seguir:

> “A ficção e a cultura constroem tudo o que somos…A verdade salva-nos, por motivos evidentes, mas a ficção também. Podemos avisar que um tigre se aproxima, é importante dizer a verdade, constatar, mas para nos defendermos dele, precisamos de, antes de o animal ter aparecido, ter imaginado essa possibilidade para que nos consigamos

> salvar. A ficção salva-nos. Literalmente. Por imaginarmos, conseguimos saber o que fazer,..." (Cruz, 2020, p. 86-87)

E mais tantos outros autores abordam este assunto e poderiam ser citados, no entanto trago apenas mais esta fala, de um outro livro, que demonstra exatamente como fazer arte e criar faz parte de mim, do meu dia a dia e me salva:

> "Quando eu estiver feliz, vou pintar quadros, fazer desenhos e dançar. Quando me sentir triste, vou colocar tudo pra fora em forma de poemas, músicas e rabiscos. Vou continuar criando porque isso me faz bem.. Porque é uma das minhas coisas preferidas. Porque cria momentos especiais na minha vida. Porque me permite expressar coisas que eu não saberia dizer. Porque me conecta com quem sou de verdade. Porque é humano. Porque me faz feliz. (Longoni, 2021, p. 35)

Seja no sentido literal ou figurado, a arte salva.

Seja quando nos leva a resolver problemas, quando nos faz olhar por outro ângulo, seja como exemplo e incentivo ao ato de criar ou no "simples" deleite de uma obra que nos tira do caos, interno e/ou externo, e nos conecta ao momento presente; a arte salva.

Como foi durante a pandemia de covid-19, por exemplo, no período de quarentena, onde não é difícil encontrar relatos sobre como a música, os filmes e os livros ajudaram as pessoas, incluindo esta interlocutora, a sobreviver a este período de incertezas e isolamento social, vivido mundialmente ou através do legado da médica Nise da Silveira, que demonstrou em seu trabalho na área psiquiátrica como o afeto e arte, em um mesmo sentido, são capazes de recuperar e dar voz às pessoas.

Não por acaso vem crescendo em nosso meio o uso de práticas como arteterapia e escrita terapêutica para que a expressão através da arte amenize dores comuns a tantas pessoas. Junto a isso, hábitos ligados ao fazer manual e às artes também têm sido cada vez mais procurados pelas pessoas e indicados por especialistas em bem estar como forma de melhorar a saúde de nossa sociedade, exponencialmente adoecida coletivamente por males como ansiedade, depressão, burnout ou síndrome do pensamento acelerado.

E é também por isso que eu crio meus livros, vencer meus medos e dores também faz parte do meu processo criativo.

Mas em algum momento eu me vi apenas como uma pessoa com muitas ideias para administrar, uma artista com mais sonhos do que realizações.

Antes de estudar sobre criatividade e processo criativo eu tinha uma ideia limitada sobre bloqueio criativo acreditando ser apenas não ter ideias ou não ter inspiração para criar. No entanto, iniciei uma leitura específica que mudou tudo, ao começar a ler **O caminho do artista**, já citado aqui outras vezes, fui me reconhecendo em muitas partes e entendendo a cada capítulo que ter a mente repleta de ideias e não agir também era um bloqueio, não pôr em prática as minhas inutilezas é uma forma de bloqueio. Talvez pareça até óbvio agora, mas realmente não me passava pela cabeça algo nesse sentido, tanto que, mesmo sabendo que este livro tratava de apresentar e refletir sobre bloqueio criativo eu comecei a lê-lo com o pensamento claro de que não era meu caso, eu era [sou] cheia de ideias, estava lendo em suma, apenas por deleite. Mas fui salva outra vez pela arte sem nem esperar este bote salva-vidas e quase sem perceber que estava me afogando [no meu mar de ideias!] Exagero ? Fui longe demais nas metáforas?! Poetas têm dessas artimanhas como bem sabemos. Mas foi exatamente pelo que passei, uma mente cheia de sonhos, pensamentos, ideias que eu não tinha noção ser justamente isso parte do meu bloqueio. Além disso, estava estudando e aprendendo tanto com minhas leituras que o fato de estar estagnada não era associado de forma alguma, por mim, a uma mente cheia e a um bloqueio criativo causado justamente por esse fluxo intenso e acelerado de pensamentos. Até que li coisas como:

> Muitas vezes o bloqueio criativo se manifesta como um vício em fantasia. Em vez de trabalhar ou viver no aqui e agora, ficamos parados e apenas sonhamos com o que poderíamos ou deveríamos ter. (Cameron, 2017, p. 84)

e também:

> Dizemos que temos medo do fracasso, mas o que mais nos assusta é a possibilidade do sucesso.(Cameron, 2017, p.98)

Ou ainda:

> Realizar uma obra de arte pode dar a sensação de que você está revelando um segredo de família. Contar segredos, pela própria natureza, envolve vergonha e medo. (Cameron, 2017, p. 99)

E mais isto:

> Temos uma cota diária de informações que devoramos. Mas, como comida gordurosa, isso entope nosso organismo. (Cameron, 2017, p. 121)

E “aquilo”:

> Para a maioria dos criativos bloqueados, a leitura é um vício. Devoramos as palavras de outros em vez de digerir nossos pensamentos e sensações ou de criar algo nosso. (Cameron, 2017, p. 122)

O livro todo nos confronta enquanto artista. Entendi, por exemplo, por esta leitura que estudar além de ser uma fonte do meu processo criativo também pode ser, e foi, muitas vezes, uma fuga para não me expor e não criar. O livro apresenta muitas situações sobre ser artista, explora atentamente aquilo que parece comum ao ser artista e vai além, nos lista preciosas tarefas a cumprir que almejam desbloquear o artista de muitas formas, para muito além do ter ideias. Quando dei por mim, voltei a escrever meu TCC e a pôr em prática algumas inutilezas antes engavetadas. De fato outras coisas também me influenciaram nesse percurso de retomada da pós e nos progressos com o nascimento do meu livro e sei novamente que não estou sozinha.

Ao reler outro livro, **Os segredos dos grandes artistas,** onde o autor Mason Currey reúne relatos das rotinas de diversos artistas em seus processos criativos, conseguimos ter ideia dos muitos estágios que os artistas passam em seus processos. A procrastinação, o bloqueio, a autossabotagem são, por exemplo, assuntos recorrentes a muitos deles também, assim como há muitos relatos de como o ato de criar se dá de forma fluida e natural ou através do trabalho atento, da constância e da rotina. Através destes relatos podemos seguir os caminhos criativos destes artistas, não como quem está a criar uma receita exata de como fazer um livro, mas sim como um auxílio que através do estudo destes percursos, que são únicos ao mesmo tempo que são muito semelhantes a muitos artistas, nos amplia o conhecimento.

Reproduzo alguns destes muitos relatos agora a fim de que o leitor,assim como eu, também possa identificar algumas destas semelhanças e diferenças do fazer artístico e do ato criativo:

> Para o observador de fora, Bacon parecia prosperar em meio à desordem. [sobre Francis Bacon] (p. 3)
>
> Sempre carregava um lápis e um par de folhas de papel de partitura no bolso, para registrar eventuais ideias para suas composições. [Beethoven] (p 20)
>
> Sua criação era espontânea e milagrosa. Ele encontrava a criação sem procurá-la, sem antevê-la. [sobre Chopin] (p. 31)

> “Escrevo quando o espírito me move”, Faulkner disse, “e o espírito me move todos os dias” [William Faulkner] (p. 66)
>
> Queria ter uma rotina para escrever. disse Miller em uma entrevista [Arthur Miller] (p. 67)
>
> O dramaturgo, Tom Stoppard, tem lutado contra a desorganização e a procrastinação crônica ao longo de sua carreira. Certa vez observou que a única coisa que realmente o levava a escrever era o medo - precisava ficar “assustado o suficiente para me disciplinar a ficar sentado na frente da máquina de escrever e produzir em impulsos sucessivos” (p. 72)
>
> Quando está escrevendo um romance, Murakami acorda às 4 horas e trabalha durante cinco ou seis horas, sem intervalo. Na parte da tarde corre ou nada faz (ou ambos), sai para resolver coisas na rua, lê e ouve música; vai para a cama às 21 horas…“A repetição se torna o fator importante, é uma forma de hipnose. Eu me hipnotizo para alcançar um estado de mente mais profundo.” [Haruki Murakami] (p. 73)
>
> “Não sou capaz de escrever com regularidade”, declarou Morrison. [Toni Morrison] (pág. 74)
>
> “Meu pecado soberano, do qual todos os outros derivam, é perder tempo, e lentidão em geral”, escreveu em seu diário.[Samuel Johnson] (p. 90)
>
> Amo escrever acima de qualquer outra coisa. Com as batidas do meu coração, cada romance que escrevo é parte inseparável de minha vida.Escrevo quando me apetece e onde quiser, e sinto vontade de escrever na maior parte do tempo: de dia, à noite e durante o crepúsculo. [Jerzy Kosinski] (p. 255-256)
>
> Schulz cumpria suas funções com rigor e eficiência,..”Eu me sentia péssimo quando não conseguia desenhar histórias em quadrinhos” [Charles Schulz] (p. 263)

O medo também é armadilha comum na vida de quem deseja criar e para os artistas é pedra grande. Montanha, quase intransponível. Eu disse quase, percebeu?!

É bom se reconhecer nestes relatos, afinal reconhecimento é coisa comum às artes como vimos; percebemos assim, que as pedras no caminho aliás sempre estão ou estarão lá, no caminho, como bem sabia o poeta, cronista, contista, farmacêutico, Carlos Drummond de Andrade. Mas através dos relatos de tantos outros artistas ou pessoas que trabalham com criatividade e criação, você se fortalece e aprende, questiona travas mentais, busca soluções ou as encontra no meio das palavras de quem passou pelo mesmo, se reconhece e reforça sua identidade como artista, percebe como e onde a disciplina ou uma rotina podem ser importantes na hora de criar, assim como o tempo do descanso e das interações com a natureza e os outros a sua volta, ou apenas aprende a

estar atento para quando a ideia chegar, entende que procrastinar é comum e errar também, mas haverá sempre uma nova oportunidade de criar. Tem sido, portanto, extremamente importante e enriquecedor estudar o processo criativo de outros artistas e com isso ressignificar as pedras pelo caminho,meu caminho.

Tenho seguido assim, o caminho das pedras de outros artistas e com o "mapa" deles algumas rochas vão se tornando pedriscos.

E por falar em pedra :

> O poeta dizia que os versos libertam as coisas. Que quando percebemos a poesia de uma pedra, libertamos a pedra da sua "pedricidade". Salvamos tudo com a beleza. Salvamos tudo com poemas.(Cruz, 2020, p. 77)

E é por isso que escrevo livros, para tirar a pedricidade da pedra.

Olhar o ordinário com olhos de criança onde tudo vem a ser uma descoberta e uma grande aventura, fazer do ordinário extraordinário, fazer poesia, ver poesia, espalhar poesia, ser poesia [ainda que seja pedra].

Após este longo desvio, voltemos, enfim, ao livro que estou criando. Depois de um bom tempo, procrastinando, desviei da pedra e decidi acrescentar um texto às imagens das palavras que já havia feito. E na hora de escrevê-lo brincar com a escrita das palavras como na poesia concreta e também brincar com as partes do livro onde o texto seria impresso. A história então ganha mais essa camada. À primeira vista começa-se um livro à maneira tradicional, em páginas brancas com o texto na cor preta, porém o próprio texto vai se reorganizar nas páginas do livro, ora no canto da página, ora perto da dobra do livro, com letras mais próximas e depois distantes, letras embaraçadas ou escritas de "cabeça para baixo" até que o texto tradicional dê lugar a páginas pretas de um buraco onde a história "caiu" e agora palavra e desenho são uma coisa só. Nestas páginas seguem as ilustrações que eu havia desenhado, onde a plasticidade das letras coincide com o significado da palavra. E as páginas do livro que até então se configuram numa sequência também tradicional, um códice de virar de páginas comum, uma após outra, da direita para a esquerda dá lugar a páginas que se abrem de cima para baixo e depois novamente da

direita para a esquerda, como uma sanfona, que define o buraco da história junto com a cor preta no papel. Ao final da história atravessamos o portal novamente através do retorno do virar de páginas tradicional de um livro códice e da mudança novamente das folhas de fundo preto para as páginas de fundo branco. O texto tradicional, também reaparece para finalizar a história com mais um pouquinho de palavras que encerram a narrativa. Por último escrevo a frase que depois escolho como título do livro “Entendeu, ou quer que eu desenhe?”.

Esta frase jamais me soou como um problema ou apenas deboche, mas sim como ferramenta de explicar o mundo de forma muito mais fácil e interessante. Gosto sempre de responder essa frase com outro dito popular *“uma imagem vale mais que mil palavras”*. Afinal, “Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível.” (Alves, 2023, p. 100)

Portanto, sempre acho incrível se alguém além de escrever queira desenhar, já que é mesmo assim que melhor funciono, entre palavras e imagens. Todavia, melhor seria entender que não há uma disputa de importância entre palavras e imagens, bom mesmo é nos valer de tudo que elas nos oferecem sejam sozinhas ou, e principalmente, em conexão uma com a outra.

Como último recurso pensado para o livro, pensando na relação autor e leitor, defini as últimas páginas do livro como um espaço de folhas brancas, com uma pequena lista de sugestões de palavras para o leitor também criar palavras que plasticamente deixam ver seu significado e claro, um incentivo para que o leitor se deleite nessa tarefa de coautor da história e crie outras palavras além da lista que apresentei e das palavras imagens que usei na história. Na infância também me lembro bem de colorir as ilustrações de livros em que as imagens não tinham cor e desenhava nos espaço em branco das página e amava quando o autor propositalmente nos oferecia um espaço para desenhar tal como na última página do livro **Nicolau tinha uma ideia** (1974) da autora brasileira Ruth Rocha que li ainda na pré-adolescência e desenhei duas das minhas tímidas ideias à época. Em muitas oportunidades, ao longo da vida, eu desenhei e escrevi nas laterais de livros e cadernos enquanto estudava, tal qual o menino

maluquinho do autor brasileiro Ziraldo; rabisquei em pedaços qualquer de papel enquanto estava em uma ligação, reunião ou conversa, registrando pistas do que estava sendo falado, tal qual o detetive Sherlock Holmes do autor britânico Arthur Conan Doyle revelando rastros da minha mente como as pegadas do livro Ida e volta. Investiguei o mundo à minha volta em diversas folhas e cadernos com rabiscos de letras e figuras tal qual os cadernos, que tanto me encantam, de Leonardo Da Vinci. Pensar e expressar-se por meio de imagens, além de palavras faz parte de quem eu sou, tal como disse o produtor cinematográfico, cineasta, diretor, roteirista, dublador, animador, empreendedor e empresário Walt Disney " eu sempre senti, ao longo da minha carreira que em vez de falar sobre uma coisa, se eu pudesse, eu faria e mostraria às pessoas."[13]

Ainda faço tudo isso, faz parte de mim escrever e desenhar sempre que posso e agora faz parte do livro. Eu quis muito que esse meu hábito fosse transferido para meu livro e por conseguinte para o leitor como um elo entre os caminhos que me levaram a ser uma artista e ao leitor, agora convidado diretamente a também participar dessa criação como eu também fui, um dia e em muitos livros, por outros artistas.

Eu não poderia terminar esse estudo sem reclamar uma visão poética sobre o livro. Então faço uso mais uma vez das palavras de outro artista que já disse por mim em sua obra algo que eu não poderia escrever em melhores palavras. Assim disse Mario Quintana:

> Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientemente claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas… (Quintana,2007, p. 7)

Foi pensando em tudo isso que criei meu livro, desejando fortemente que a poesia e o espaço livre para criar estivessem de alguma forma pelas páginas dessa minha arte , mesmo que o livro em questão não seja um livro de poesias nem mesmo um manual de tarefas para que o leitor aprenda a criar. Quero que

[13] In: documentário Disneylândia feita à mão, 2026, direção Leslie Iwerks

o leitor sinta e experimente a poesia e a fagulha da criação através da relação entre palavras, imagens e objeto livro. E espero sinceramente que o tenha conseguido. E ainda que meu livro não tivesse a parte final escrita explicitamente para registrar a participação do leitor no livro, eu sigo consciente que todo leitor se transforma em autor ao executar o ato de ler uma história pois o que ele lê gera imediatamente uma história que só vai existir na sua mente por meio de sua criatividade, assimilação e elaboração das palavras e/ou imagens que o livro apresenta. Ler também é, portanto, criar. E quem cria sob os comandos da criatividade e da emoção é artista. Em meus livros quero sempre reafirmar isso: somos todos artistas. Eu sou a artista que agora "corro" para fazer nascer o livro que aqui vos apresentei para que outros artistas o façam nascer e renascer toda vez que o virar de páginas se abrir em uma nova leitura.

Finalmente, talvez meu texto inteiro, esta pesquisa e tudo que eu crio seja apenas uma ode a poesia, e se assim o for, peço licença uma última vez aos adultos de "ou isto ou aquilo" para reivindicar que minha pesquisa possa ser pessoal ao mesmo tempo que impessoal, o que eu escrevo aqui academicamente poderia ser uma conversa entre amigos, inclusive pela forma como eu escrevo. E é por isso, exatamente, que escrevo da forma como escrevo. Gosto e quero a naturalidade do cotidiano, do comum e do ordinário que nos permite, se atentos, ver a 'grandeza das coisas ínfimas'.

Escrevo aqui como quem fala a um amigo, pois é como trato o livro e o leitor. Além disso, aprendi que é para isso que bem serve a Literatura, a poesia, a Arte; ela serve para contarmos a nós e ao outro (seja o você do futuro, um leitor desconhecido, um examinador de banca ou só o papel) como vemos o mundo. E me parece justo que para alguém que ama palavras tanto quanto ama imagens,a forma como se diz alguma coisa importe tanto quanto aquilo que se quer dizer, não é mesmo?!

Agora o caminho indica apenas uma direção, apresentar meu trabalho final e publicar meu livro.

Antes de concluir minhas palavras gostaria de acrescentar um último relato pessoal acerca da apresentação deste trabalho à banca de avaliação. Passado o nervosismo de falar em voz alta pela primeira vez tudo aquilo que

vinha estudando há tanto tempo, expor minhas ideias, minha pesquisa, minhas criações e minhas memórias fui levada a pensar em tudo isso mais uma vez, porém agora pelo olhar de quem me avaliava. E que grande alegria foi poder ver meu pensamento se materializar na voz de outras pessoas que me liam também a primeira vez. Foi uma troca incrível e uma aprendizagem ainda mais intensa. Ananda Luz, educadora, curadora, pedagoga, pesquisadora e amante de livros para infância, como ela mesma se define em sua rede social; leu e ouviu atentamente minha pesquisa e depois generosamente esmiuçou sua percepção comigo, avaliou minha escrita com a alma e a força de alguém que ama livros, senti sua potência e pude perceber meu estudo por estes seus olhos também. Nesse sentido aconteceu a grande magia, Ananda me apresentou dezenas de fontes, caminhos e autores que poderiam ampliar minha pesquisa e manteve viva em mim a ideia de investir na Marcela pesquisadora e dar seguimento a este estudo em outras frentes. Sugeriu-me, ainda, que os livros de Literatura infantil usados em minha pesquisa como fonte de estudos estivessem também referenciados na bibliografia, assinando mais uma vez a importância do livro como objeto de pesquisa e minha vertente como pesquisadora. Nas palavras de Cristiane Rogério, jornalista, pesquisadora, escritora, mestre em Artes, coordenadora da pós-graduação em que me graduo, o livro para a infância, e ainda outra sobre o livro ilustrado pela instituição A casa Tombada, além de orientadora desta pesquisa " sou estas muitas 'Marcelas' e elas não se dividem". É com todas as Marcelas em mim que crio e caminho. E por aqui caminho também com as preciosas contribuições delas, como estas que citei e ainda outras que se manifestam organicamente por entre minhas palavras. Através delas pude perceber, por exemplo, que minha pergunta inicial "Como nascem os livros?", talvez não seja a pergunta mais importante do meu texto e nem mesmo a pergunta a ser respondida, mas sim, "Como nasceu a artista Marcela?". Acredito ter sido este meu grande ganho: reconhecer - me artista, pois a partir daí deu-se todo o resto.

Assim nasceu meu livro e este meu trabalho, porque eu precisava responder de onde nascem os livros e agora que já sei muitos "como", posso desengavetar minhas inutilezas e fazer nascer outros tantos livros para fazê-los

morar além da minha imaginação, seja nas casas dos leitores, nas escolas, bibliotecas, livrarias ou lá onde vivem os monstros.

Referências bibliográficas

AGEE, Jon. O muro no meio do livro/ Jon Agee; tradução Juliana Freire. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2019.

ALVES, Rubem. Por uma educação sensível; organizado por Raquel Alves. Jandira,SP: Principis, 2023.

ANTÔNIO,Severino. A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação: algumas travessias.- Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ARBOLAVE, Cecília. Queria ter ficado mais / organização Cecília Arbolave; ilustração Eva Uviedo. São Paulo: Lote 42, 2015.

BARROS, Manoel de,1916. Poesia completa/Manoel de Barros.- São Paulo: Leya,2010.

BARROS, Manoel. O fazedor de amanhecer/ textos de Manoel de Barros; ilustrações de Ziraldo - Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

CAULOS,1943. O livro comprido /Caulos -Rio de janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2010.

CAULOS,1943. O livro comprido /Caulos -Rio de janeiro:JPA, 2011.

CAULOS,1943. O livro estreito /Caulos -Rio de janeiro:JPA, 2011.

CAMERON, Julia. O caminho do artista; tradução: Leila Couceiro, Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

CAMPOS, Augusto de. Poemobiles/ Augusto de Campos, Julio Plaza. 4 ed. São Paulo: Lote 42; Selo Demônio Negro, 2025.

CAMPOS, Vana. Universo, o passarinho/ Vana Campos; ilustração Vanina Starkoff. Taubaté, SP: Aloprado produções, 2024.

CAPPARELLI, Sérgio. Poesia visual/ Sérgio Capparelli, Ana Cláudia Gruszynski- 4 ed.- São Paulo: Gala, 2005.

CARRIÓN,Ulises. A nova arte de fazer livros. [Fernando Pedro da Silva; Coordenação editorial: Fernando Pedro da Silva e Marília Andrés Ribeiro, Tradução de Amir Brito Cadôr]. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.

CRUZ, Afonso. Vamos comprar um poeta.Porto Alegre:Dublinense, 2020.

CUNHA,Leo. Poesia para crianças:conceitos, tendências e práticas.Curitiba: Piá, 2012.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho:desenvolvimento do grafismo infantil. - 3ª ed.- São Paulo: Panda Educação, 2020.

FERREIRA, Glória. Escritos de artistas: anos 60/70/ seleção e comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; [tradução de Pedro Süssekind…et al.]. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
FRAGATA, Claudio. Alfabeto escalafobético/ Claudio Fragata; ilustração Raquel Matsushita. São Paulo: Jujuba, 2013.
GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC,1995.
GOMPERTZ, Will. Pense como um artista: … e tenha uma vida mais criativa e produtiva/ tradução Cristina e Iara Fino. -1ª ed.-Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
HAUVILLER, Gastón. Quando você sai / Gastón Hauviller; ilustrações do autor; tradução Ana Tavares. -1ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Pequena Zahar, 2024.
JOSÉ, Elias. Quem lê com pressa tropeça./Elias José; ilustrações: Nelson Cruz. Belo Horizonte: Editora Lê, 3ª edição, 1993.
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. -2ª ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
LAGO, Angela Maria Cardoso Lago. Cena de rua/ Angela Maria Cardoso Lago. Belo Horizonte/MG: RHJ,1994.
LAGO, Angela Maria Cardoso Lago. Sua alteza A Divinha: um conto do nosso folclore/ contado por Angela Lago com a colaboração de ilustradores anônimos e antigos. Belo Horizonte:RHJ, 2005.
LAGO, Angela Maria Cardoso Lago. Chiquita bacana e as outras pequetitas/ Angela Lago. Belo Horizonte/ MG: Ed. Lê, 1986.
LAGO, Angela Maria Cardoso Lago. ABC doido/Angela Lago; ilustrações da autora. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
LEE, Suzy. Onda/ título original : Wave; ilustrações da autora. São Paulo: Cosac Naify,2008.
LIMA, Elvira Souza. Memória e imaginação. São Paulo: Editora Inter Alia,2007.
LONGONI, Fernanda. Despertar criativo: o caminho para criar sua própria vida/ Fernanda Longoni, Amanda Longoni. São Paulo: Planeta, 2021.
MACHADO, Juarez. Emoções/ Juarez Machado. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
MACHADO, Juarez. Ida e volta/ Juarez Machado 11 ed.,. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo / Cecília Meireles; ilustração Beatriz Berman. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira,
1990.MORAES,Odilon.Quando a Imagem Escreve,Reflexões Sobre o Livro Ilustrado. Mestrado. Departamento de Artes, São Paulo. UNICAMP. 2019.
MURRAY,Roseana. Classificados poéticos/ Roseana Murray; ilustrações Mari Ines Piekas.- 4 ed.- São Paulo: Moderna, 2010. (coleção girassol)
NANI,1951. O que dizem as palavras/ Nani. Belo Horizonte, MG: Lê, 2011.
OLIVEIRA, Ieda de. O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: Com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.
OLIVEIRA, de Rui. A bela e a Fera: conto por imagens/ Rui de Oliveira.- 3 ed. - Rio de Janeiro:Consultor, 2013.

ORTHOF, Silvia. Fada cisco quase nada/ Silvia Orthof; ilustrações Eva Furnari. São Paulo: editora Ática,1992.
PENTEADO, Maria Heloísa. Lúcia já-vou-indo. Maria Heloísa Penteado, ilustrações da autora. 28ª ed. São Paulo: editora Ática, 2007.
QUINTANA, Mario. Só meu /Mário Quintana; ilustrações Orlando. –São Paulo: Global, 2007.
REYES,Yolanda. Ler e brincar, tecer e cantar -Literatura, escrita e educação/tradução: Rodrigo Petronio;São Paulo: Editora Pulo do Gato,2012.
RILKE, Rainer Maria, 1875-1926. Cartas a um jovem poeta/ Rainer Maria Rilke; tradução de Pedro Süssekind. Porto Alegre: L & PM,2025.
ROCHA, Ruth. Nicolau tinha uma ideia/ Ruth Rocha; ilustrações Walter Ono . São Paulo: Quinteto Editorial- 15ª edição.
RUBEM, Alves. Por uma educação sensível/ Rubem Alves; organizado por Raquel Alves. Jandira, SP: Principis, 2023.
RUBIN, Rick. O ato criativo; tradução Beatriz Medina. - 1. ed. -Rio de Janeiro: Sextante,2023.

SENDAK, Maurice. Onde vivem os monstros/ Maurice Sendak; ilustrações do autor; tradução Heloisa Jahn. - 1 ed. -São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

SICA, Rafael. FACHADAS/ Rafael Sica- São Paulo: Lote 42, 2017.

SORRENTI,Neusa. A poesia vai à escola:reflexões, comentários e dicas de atividades. 2ª ed- Belo Horizonte: Autêntica Editora,2009.

ZIRALDO. O ABC do B, coleção ABZ. Ziraldo; ilustrações do autor. São Paulo : Melhoramentos 1993.

ZIRALDO. A letra N, coleção ABZ. Ziraldo; ilustrações do autor. São Paulo : Melhoramentos 1993.

Apêndice


LIVRO: Entendeu ou quer que eu desenhe?!
Texto verbal e visual
Projeto gráfico
Marcela Cristina Lacerda
Boneco
hora de criar e brincar
1ª parte: códice tradicional
POR DENTRO
Entendeu ou quer que eu desenhe
AUTORA MARCELA CRISTINA LACERDA
Páginas brancas + texto visual (poesia concreta)
POR FORA
Livro códice
2ª parte: corte sanfonado
Páginas pretas + ilustração (palavras desenhadas)
PORTO
Páginas sanfonadas vertical
horizontal
SOL
LUA
3ª parte: retorno ao códice tradicional
Páginas brancas + final da história em texto verbal
Sua vez...
FIM
Página(s) em branco para criação do leitor
2026



Era mais um dia normal neste livro, cada palavra em seu lugar, dizendo exatamente aquilo que deviam dizer.

De repente
uma coisa estranha aconteceu. As palavras começaram a ficar nervosas e tudo começou a tremer …

As palavras começaram a escorregar

e depois …

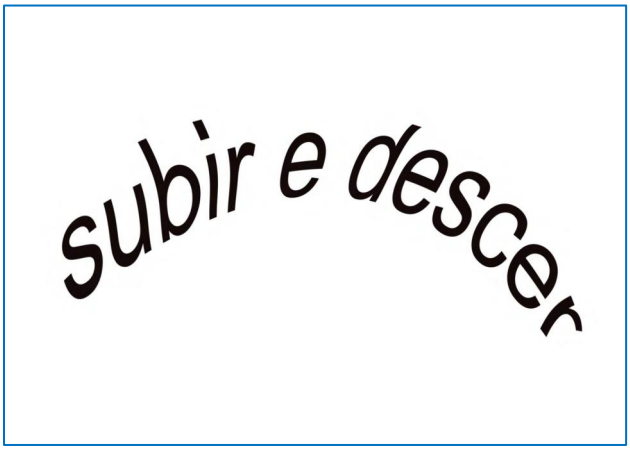
…virar de ponta cabeça

Começaram a ficar cada vez mais

PERTO

e depois, cada vez mais

L O N G E



… ir…

e voltar …

Tudo virou uma grande ɔonfuɘão e
as palavras começaram a cₐ

em um grande

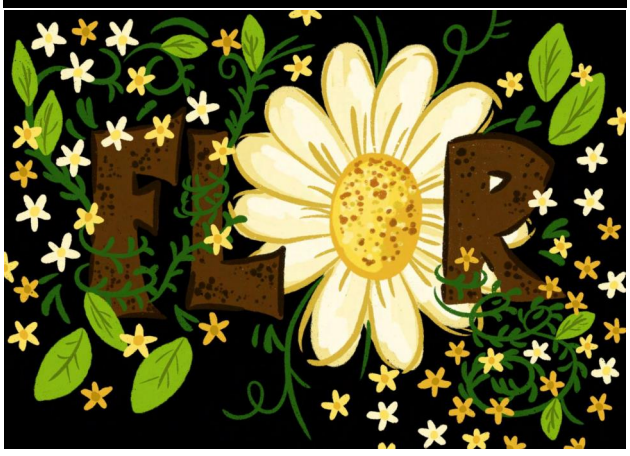


E agora deste lado do livro as palavras cansadas de apenas dizer o que eram, resolveram que também queriam mostrar…


PORTA

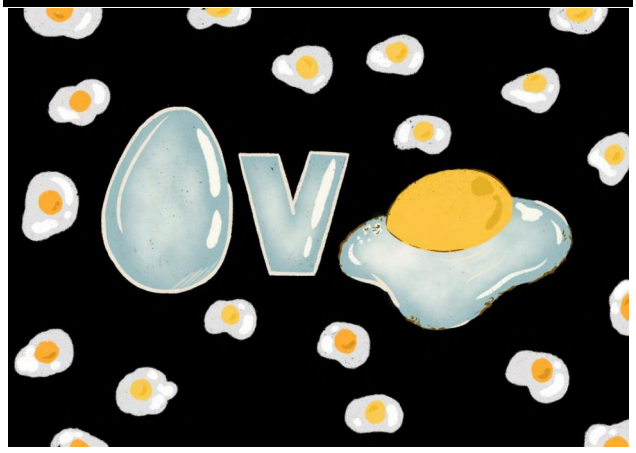



JANELA


FLOR


VIRAL


CIPI


OV


VELA


LÁPIS

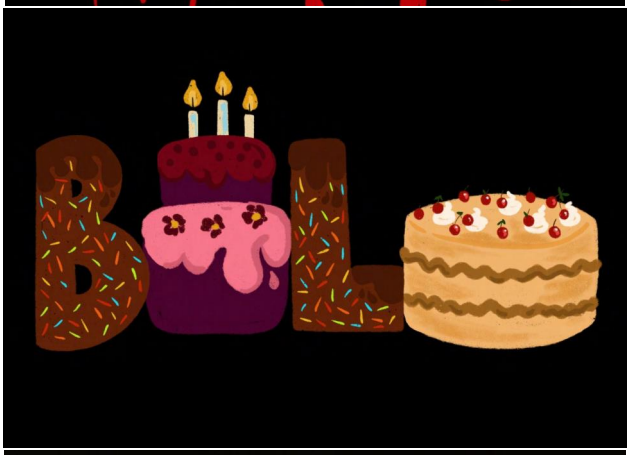

TINTA


COR


LIVRO
POESIA
MITOLOGIA



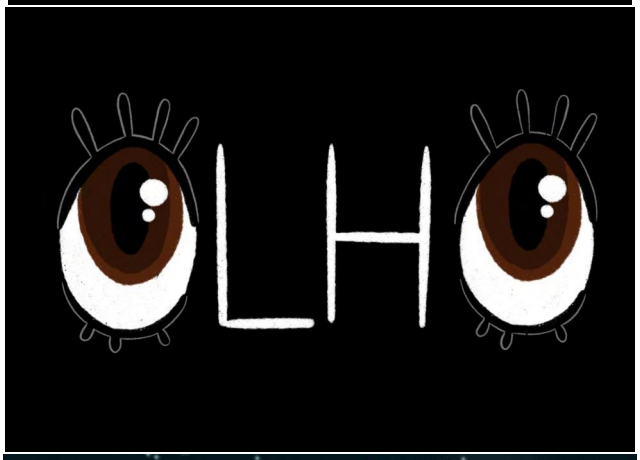

AMOR


BOLO


SOMBRA

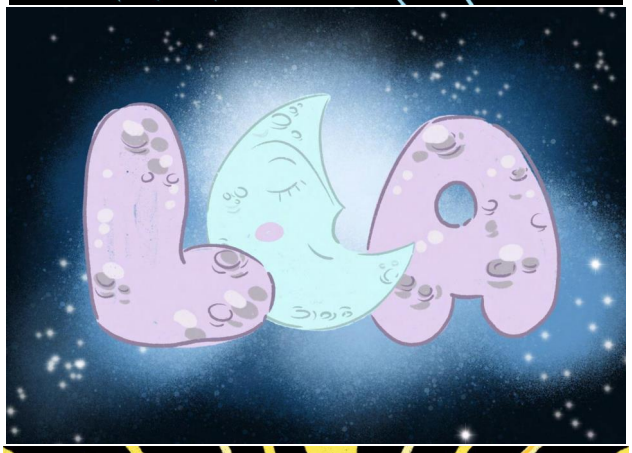

LUZ

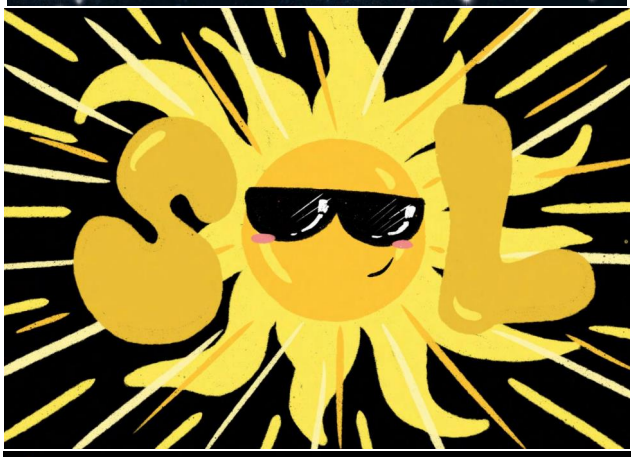

BOCA


OLHO


ESTRELA


CHUVA


LUA




SOL





E depois de tanta bagunça, as palavras voltaram a se alinhar uma depois da outra e voltaram a dizer suas verdades.

Mas acontece que, vez por outra você vê por aí uma ou duas palavras dizendo:

Entendeu ou quer que eu desenhe?


Agora é a sua vez, desenhe outras
PALAVRAS
Sugestões
- pincel
- óculos
- coração
- árvore
- banana
- dança
- abraço